

O INIMIGO DO REI

ANO 2, No. 3, SALVADOR – BAHIA, SETEMBRO – OUTUBRO DE 1978. Cr\$ 10 – O INIMIGO DO REI, ENFIM UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.

OS TRABALHADORES,

O V CNTI E A

“PELEGADA”,

(Páginas 7, 8, 9)

ELEIÇÕES :

A ATUALIDADE

DO VOTO NULO.

(Página 4)

A IGREJA E A

PROSTITUIÇÃO

NA BAHIA

(Página 3)

**PRIMAVERA DE PRAGA,
DEZ ANOS SEM RESPOSTAS**

(Página 10 e 11)

PARA O POVO,

CORDEL;

PARA NÓS,

JOYCE.

(Página 12)

O QUE É

AUTOGESTÃO.

(Páginas 18 e 19)



Carlos Rodrigues

Quem é o Inimigo

Quando circula o seu terceiro número, O Inimigo do Rei atinge sua maturidade, como uma empresa autogestionária, cujo maior significado é uma experiência de jornalismo realmente livre e independente, feito por equipe, sem estrelas ou constelações.

Com uma pauta voltada para os interesses das minorias sociais, O Inimigo do Rei está a produzir um jornalismo que se insere no quadro mundial das lutas dos explorados contra as potências de todas as cores, em todos os tempos.

Ao comemorar os dez anos da Primavera de Praga — uma tentativa de socialismo humanista — O Inimigo do Rei registra, mais uma vez, o seu protesto contra o autoritarismo não só a nível internacional, como nas fronteiras políticas de América Latina, onde se inclui a cena brasileira.

Eo que sentimos em termos de Brasil é que a suposta república burguesa já não consegue mais esconder o caráter monárquico de sua própria estrutura: um poder político centralizado num só homem, o Rei; um sistema tributário em que as satrapias fornecem a Sua Majestade os recursos necessários à repressão e à violência; a verdadeira tortura, não pessoal e individual, mas coletiva, de ordem econômica, esfomeando milhões de brasileiros; a presença meramente simbólica de um poder judiciário e de outro mais inexpressivo, qual seja o legislativo.

Em janeiro de 1979 abre-se mais uma etapa no regime monárquico. Troca-se a dinastia gaúcha por um sorridente carioca hípico. Muda-se de Rei. Mas a monarquia continua. Cada vez mais institucional.

Para isto, contam os senhores do Planalto com a convivência das "esquerdas" oficiais, aliadas aos partidos artificiais aí existentes e com a chancela dos comunistas, incapazes até hoje de uma análise em profundidade da realidade brasileira, capaz de transformá-la e não apenas descrevê-la.

Opinando sobre os temas da atualidade. O Inimigo do Rei não esquece de informar. E seu principal recado neste momento é o de que a autogestão está longe de ser uma utopia, com as experiências que a História registrou e que há de registrar.

Mantido exclusivamente por seus leitores, a proposta de O Inimigo do Rei é como um peixe dentro d'água. Daí a sua seriedade e o respeito que impõe, sem abrir mão de sua irreverência e ironia, características de sua própria juventude — uma juventude que se mede por sua coragem e seu destemor e não pelos meros indicadores etários de seus criadores e leitores.

Acima de todas as cores a bandeira de O Inimigo do Rei está nas ruas. Desfralde-a.

Opinião da Imprensa

A sociologia do conhecimento fornece interessantes subsídios para a compreensão de fatos como os ocorridos durante a reunião, sexta-feira passada, do Comitê Brasileiro pela Anistia e do Movimento Feminino pela Anistia, quando uma corrente de opinião presente queria vetar a permanência da imprensa no recinto, devido a uma matéria publicada em jornal do Rio de Janeiro, que desagradou a essa corrente.

Vê-se, no episódio, como é fácil cair na armadilha segundo a qual nos sentimos visceralmente comprometidos com a defesa da liberdade, contanto que essa liberdade seja para nós, ou não contrarie os nossos interesses. A causa da anistia — sobre a qual este jornal é absolutamente insuspeito para opinar, pois vem manifestando seu apoio pela cobertura que tem dado ao movimento e pelos seus editoriais — tem a ver precisamente com a defesa do direito de dissentir, com a defesa, em última análise, da liberdade. Entretanto, quando essa liberdade se exerce de forma não desejada pelos participantes do movimento, surge imediatamente uma enxurrada de denúncias e acusações quase histéricas, bem como — e convém prestar atenção nisto — a tentativa de utilizar precisamente os mesmos mecanismos criticados no regime, ou seja, a censura, a supressão de informação, a intimidação do jornalista.

Não é possível que o movimento pela anistia seja coberto de maneira uniforme pela imprensa. Viola as próprias bases filosóficas e éticas do movimento o desejo de uniformizar a opinião, de dirigí-la e orientá-la num sentido único. Também não são os líderes do movimento figuras privadas, que podem escudar-se da opinião da imprensa. São figuras públicas, cujos atos, enquanto vinculados ao movimento, devem ser expostos, julgados e avaliados. O controle da informação e da opinião é uma atividade básica das ditaduras.

É deplorável que tamanha falta de visão e maturi-

dade seja demonstrada, em momento tão crucial para a vida brasileira. Não gostariam alguns dos líderes do movimento de colocar um censor especializado em cada redação, para dar a forma desejada por eles a cada matéria considerada para publicação e escrita por "jornalistas de mau caráter"? Parece que gostariam. E, assim, prestam um triste depoimento sobre a nobreza de sua causa, sobre a clareza de sua visão da realidade política e social. São voluntários, são voluntários, es ses líderes. E são, em última análise, inimigos da própria causa que defendem, pois não se pode querer algo com uma mão e não querê-lo com a outra.

Os líderes do movimento pela anistia não tem o monopólio da verdade, nem da indignação, nem da consciência ultrajada. Foi pelo seu trabalho na imprensa, inclusive, que muitos dos anistiáveis se viram na situação lamentável em que se encontram, por cuja superação se vem lutando. Agora, entretanto, o que parece é que esses membros de instintos fascistóides (fascistóides, ainda mais, quando percebem o fascismo alheio mas não enxergam o próprio) desejariam fazer uma reunião a portas fechadas e entregar à imprensa uma sinopse. Pois que façam suas sinopses, se desejarem. De nossa parte, não será essa atitude melancólica que merecerá o valor da causa da anistia. Esta é boa causa e deve ser defendida, a despeito da inépcia, do emocionalismo primitivo e — por que não dizer? — da falta de educação das lideranças estruturadas para defender essa causa. As lideranças poderão, depois de obtida a vitória, dedicar-se a causa para a qual se revelam melhor equipadas; a da censura ao pensamento e à opinião. Quanto à imprensa, para orgulho seu, deverá continuar a expor-se a ser culpada por aquilo que nunca fez, responsabilizada pelo fato que nunca gerou.

(Transcrito da "Tribuna da Bahia", edição de 11.9.78)

Acontecimentos históricos

Você sabia que...

F. Engels, aos 23 anos de idade, traduziu do francês para o alemão o livro intitulado "Da miséria da classe operária na Inglaterra e na França" do fourierista e reformador pacífico Buret e publicou-o em seu nome, como se a obra fosse sua! Este livro inclusive foi elogiado pela Academia Francesa de Ciências. Sobre este acontecimento o professor Andler diz o seguinte: "O livro de Engels é, apenas, a redação, ligeiramente modificada, da obra de Buret".

... O Paraguai, antes de 1860, era o país mais desenvolvido e auto-suficiente de toda a América Latina. Ou seja, possuía a moeda mais forte e estável da época, o menor índice de analfabetismo, não necessitava de um centavo sequer do estrangeiro etc. Porém, a Tríplice Aliança — Brasil, Argentina e Uruguai — promoveu uma guerra financiada pelo Banco de Londres, a casa Baring Brothers e o Banco Rothschild, arrasando totalmente o Paraguai.

Curiosidade: A zona do Itaipú, onde se constrói, atualmente, a maior usina hidrelétrica do mundo, pertencia, territorialmente antes da invasão, ao Paraguai. Hoje em dia, todos nós sabemos nas mãos de quem estão...

... O Manifesto do Partido Comunista, publicado em 1948 por Karl Marx, com todas as suas incoerências, foi plagiado de um outro manifesto que data de 1843 e escrito por um socialista francês, discípulo e continuador das doutrinas e da obra de Charles Fourier, Victor Considérant! A obra em questão intitula-se "Principes du Socialisme: Manifeste de la Democratie Pacifique". Em confronto os "dois" manifestos, apenas no primeiro capítulo, encontra-se 36 concordâncias em idéias e no texto. Ou seja, como há um total de 350 linhas no manifesto, existe para cada idéia plagiada um total de 10 linhas. Inclusive, até os títulos desse primeiro capítulo "Burgueses e Proletários" são idênticos nos manifestos. Além disso, ambos principiam quase textualmente pela mesma "generalização histórica" e as conclusões terminam igualmente solidária, como demonstra Varlan Tcherkesoff em seu livro.

... A mola propulsora da obsessiva religião do Nacionalismo norte-americano constituiu-se no século XIX. Nos finais desse século, amplos setores da população fortaleciam a IDEIA de tornar os Estados Unidos uma superpotência.

Nessa época, o senador Albert Beveridge dizia que "o povo norte-americano foi eleito por Deus para conduzir o mundo à sua regeneração final". Já o Sr. Henry Watterson, previu que o País estava "destinado a exercer o seu domínio sobre os ATOS DA HUMANIDADE e a influir sobre o FUTURO DO MUNDO como nenhuma outra nação o fez ao longo da história, nem sequer o próprio IMPÉRIO ROMANO". Na época estas frases permearam o pensamento de milhares de norte-americanos. E o resultado disso já podemos sentir na guerra do Vietnã, do Camboja, entre outras atrocidades cometidas em nome de uma "regeneração final" e de "um povo eleito por Deus".

... em 1965, a República Dominicana foi invadida por quarenta mil MARINES; inclusive, fizeram parte dessa "embaixada" um batalhão de soldados brasileiros. A expedição foi comandada pelo general americano Bruce Palmer. Num bairro de San Domingos, capital da República, a população lutou de paus, pedras, machetes e fuzil, contra tanques helicópteros, metralhadoras, bazucas etc. da força invasora. O resultado da façanha foi o extermínio de quatro mil populares patriotas que tombaram em combate.

CURIOSIDADE: Tal atrocidade, na época, passou despercebida pela Organização dos Estados Americanos (OEA).

Fontes de pesquisa: "As Veias Abertas da América Latina", Eduardo Galeano, Paz e Terra, 1978. "Erros e Contradições do Marxismo", Varlan Tcherkesoff, Editora Mundo Livre, "Rebelde no Paraíso Yanqui", Richard Drinnon, Editorial Proyeccion, Buenos Aires, 1965

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é feito pela seguinte equipe, em ordem de sorteio: Eduardo Nunes, Sebastião Santa Rosa, Hilda Braga, Carlos Rodrigues, Aurélio Vellame, Alexandre Ferraz, Roberto Tortelli, Aldeneide Fonseca, Ricardo Líper, Antonio Carlos Pacheco, Edmundo Sento-Sé, Roberto Vieira Machado, Antônio Fernandes Mendes, José Liberatti, Chico Beijos, João Carneiro, J. Canindé.

No. 3. Publicação bimensal. Preço do exemplar avulso: Cr\$ 10,00. Assinatura anual: Cr\$ 60,00 Correspondência: Caixa Postal 2540. Salvador, Bahia, CEP 40.000.

Bendita seja entre as mulheres.



Do total de imóveis localizado no Maciel — zona de baixa prostituição localizada no Centro de Salvador, Bahia — 31,7 por cento pertencem às ordens religiosas, como Órfãos de São Joaquim, Sta. Casa de Misericórdia, Ordem Terceira de São Domingos, Ordem Terceira de São Francisco e até ao Instituto Kadercista da Bahia, proprietário de um casarão. O restante dos imóveis pertence a outros particulares e à Fundação do Patrimônio que cuida dos interesses oficiais junto ao Pelourinho.

Mas, quando se trata de questionar a Igreja Católica Apostólica Romana a respeito de sua paternidade quanto à prostituição no Estado da Bahia, a desculpa é que o clero secular não pode interferir nos negócios das Ordens. Como se houvesse alguma diferença.

Não basta à Igreja dispor do controle econômico da prostituição. Ao lado disto, documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sugere o trabalho de jovens junto aos locais de prostituição de alguns estados brasileiros, numa ação basicamente filantrópica e de assistencialismo social. Eis o cúmulo da hipocrisia. A mesma Igreja do Tribunal do Santo Ofício, da Inquisição, acena aos jovens com um trabalho junto a uma comunidade marginalizada pela própria ação da Igreja junto ao Estado capitalista, seu sócio maior. Trata-se, evidentemente, de apresentar falsas perspectivas a jovens que potencialmente poderiam estar numa posição radical de denúncia da hipocrisia do catolicismo.

Uma repórter de O Inimigo do Rei pesquisou

a situação dos imóveis do Maciel e apresentou o seguinte relato:

"A impressão que se tem do Maciel é a de que todos os seus moradores ocupam-se da prostituição. Na realidade, das 1818 pessoas que habitam as oito ruas da área, 171 dedicam-se à prostituição. O restante desenvolve atividades outras no chamado mercado informal de mão-de-obra: biscateiros, donas

de casa, artesãos, ambulantes.

Um tipo de atividade econômica específica, como bares, buates, casas de encontro, tráfico de drogas e aluguel de imóveis, condiciona a vida da comunidade. Neste quadro, os demais grupos sociais residentes na zona passam a sofrer as consequências da

discriminação e das sanções impostas ao lumpesinato em geral.

Numa pesquisa elaborada em 1971, o sociólogo Geir Espinheira mostra as contradições entre a sociedade e este tipo de atividade marginal, prendendo-se ao isolamento imposto às prostitutas em nome da moral e dos bons

costumes, num meio onde outros grupos semimarginais rejeitam a ocupação imobiliária. Essa duplicidade de valores impõe um estado de insegurança e conflito constantes, registrados nas brigas e bate-bocas a qualquer hora do dia ou da noite.

Enquanto a prostituição não se integra num sistema econômico formal em vista dos valores sociais vigentes, ela não se consti-

tui, por outro lado, numa ocupação totalmente marginal, pois seu caráter econômico a integra no sistema econômico como um todo.

E enquanto a prostituição é encarada pelo Estado e pela Igreja como um mal necessário, a família se vê protegida pela prostituta, resguardando suas virgens e iniciando seus donzelos, tornando ela própria — eis aí — a cliente indispensável a manutenção do ciclo da prostituição.

O sistema de inquilinato leva a que a Igreja tenha inúmeros sócios em seu negócio de prostituição. As ordens religiosas alugam as casas a indivíduos que vão sublocá-las. Estes são, em sua maioria, policiais, que por sua vez, sublocam os prédios a gerentes que alugam os quartos.

Hoje um aluguel de um quarto no Maciel custa, em média, Cr\$367,92. As casas que alugam para "entrar e sair" cobram de Cr\$20 a Cr\$25. Predomina na zona a moradia coletiva, com famílias de baixa renda convivendo com prostitutas, sob o mesmo teto, em casarões à beira do desabamento. Entre estes grupos diferentes a relação é marcada pela discriminação.

Nos 104 imóveis habitados convivem 844 homens e 974 mulheres, entre crianças e adultos. O Maciel é formado por oito ruas: a Gregório de Matos (conhecida como Maciel de Baixo), João de Deus (ou Maciel de Cima), frei Vicente (a Açougueiro), Inácio Accioly (o beco do Mijo); a Francisco Muniiz Barreto (chamada rua das Laranjeiras), a Leovigildo de Carvalho (beco do Mota), a Sta. Isabel e a Castro Rabelo".





A equinocracia e a atualidade do voto nulo

Se alguém pede uma conceituação e eis-nos frente ao que seria um governo das patas, pelas patas e para a pata.

Aos fins de mais um período de uma dinastia gaúcha, sobrevivente há 14 anos no Planalto — com pequenos intervalos, estamos às portas de uma transição estipulada em seis anos, pelo próprio Poder, em que a monarquia institucional assume ares de uma ridícula equinocracia. Sorrisos nos lábios. Uma felicidade geral, o céu azul e com o silêncio e ou a co-participação aberta de tradicionais organismos de esquerda, uns dispostos a esquecer os sofrimentos do passado, outros empenhados num eterno sado-masochismo.

No meio de eterno carnaval, entre fogos de artifício e confetes dourados, um programa a mais no picadeiro, as eleições de novembro, de representatividade e importância muito aquém de uma sonhada democracia burguesa, mas a desviar as atenções e energia de muitos que há muito já poderiam ter acordado para as propostas libertárias. Partidos sem absoluta coerência, nem mesmo a nível programático, frentes solúveis de eternas divergências numa luta menor do Poder pelo Poder.

Certamente o que chamam massa — com a boca cheia — dará uma menor abstenção de que a cada eleitorismo passado.

Velhas raposas alimentarão, por alguns momentos, a possibilidade de pelo menos uma troca de guarda em palácio. Mas os que estão de posse de um compromisso pelo menos ético, todos vinculados ao princípio de desafinar, estes não podem deixar de denunciar que a participação ao lado dos partidos oficiais e semi-oficiais, de uma farsa a mais, é o pior caminho que se pode escolher. Daí, anular o voto é a melhor alternativa do coro dos descontentes. E tão atual, como sempre e sempre.

Aurélio Vellame



Porque os índios estão sendo torturados

Aurélio Vellame

Ao longo da BR-226, uma das rodovias que liga São Luiz do Maranhão a Belém do Pará, entre Barra do Corda e Grajau, conheço Agostinho da tribo dos índios Guajajaras. Era a primeira de três viagens que O Inimigo do Rei faria pelas estradas que circundam o primeiro trecho da Transamazônica.

— Os federais chegam, trazem as melhores armas, levam nossa diamba e não nos dão nada. — Agostinho fala pausadamente, com os olhos fixos, ora no espaço, distante, ora num revólver que um branco propõe seja trocado por diamba ou artesanato.

Com quase 20 anos de idade, Agostinho é um dos índios mais fortes, jovem, alfabetizado e batizado na Igreja Católica. E os guajajaras batizados, entre si, chamam-se de "cristãos".

Depois íamos encontrar o índio "mais velho" daquele posto avançando às margens de uma estrada que destrói as reservas naturais da selva e abre caminho para que os grileiros brancos, associados com os novos dominadores do Maranhão, os japoneses, de olhos em cima das mais férteis

terras da Amazônia Legal: as terras dos índios Canelas e Guajajaras, cada tribo localizada em cada margem do Rio Mearim.

É o rio Mearim que compõe uma das mais belas e bucólicas paisagens da Amazônia. Barra do Corda é uma cidade pequena, cortada pelo Mearim, por onde a diamba também desce em busca dos mercadores consumidores do Norte, do Nordeste e do Centro. Pela manhã, as pessoas começam a chegar ao mercado de Barra do Corda. Têm a pele tostada, os olhos quase orientais, as pernas curtas, os cabelos longos e sedosos, bastante negros. São os índios, cada dia mais aculturados, cada dia mais pobres.

Vivendo um sistema de produção baseado na propriedade comum, os índios do Maranhão, como os demais de todas as regiões onde o branco chega, não têm muitas perspectivas para o futuro. E de outrora agricultores se transformam, ainda, em comerciantes. Outros viram marginais, pedintes que cantam ou revendem artesanato nas estações rodoviárias ou paradas de ônibus das estradas maranhenses.

E como a diamba faz parte do que cultivam, ela perdeu o caráter místico que envolvia seu consumo na tribo, e passou a ser uma fonte de recursos para os índios. Paralelamente eles vão perdendo suas terras e na terceira viagem que fizemos pela Transamazônica não mais havia a selva fechada, onde a estrada poeirenta era apenas uma clareira entre poucas clareiras outras, naturais, no meio de vasta mata.

As fronteiras da pecuária estavam avançando, convertendo a rica vegetação do Maranhão num futuro deserto a mais na região Norte-Nordeste. Um processo que o Nordeste já experimentara quando do avanço da cultura de cana-de-açúcar.

Mas ainda conseguimos testemunhas a resistência, embora tênue, do povo Guajajara ao invasor branco. A consciência de que o branco nada mais deseja, de que saquear e tomar suas terras, não pode ser apagada. E os índios estavam muito bem informados a propósito do que sobre eles diziam as publicações, na época, nos grandes centros urbanos do litoral.

E graças a esta informação o interesse pelas armas, não apenas de caça. Quando a Agência Estado divulgou a notícia de que um guajajara havia sido torturado pela Polícia Federal, no interior do Maranhão, ela não foi uma surpresa para O Inimigo do Rei. Atrás do combate ao comércio da maconha, está a verdadeira causa da repressão: deslocar para as fronteiras da Amazônia todos os índios que

"atrapalham" o avanço do novo colonizador. E para isto contam com todo o poder do aparelho de Estado.

— Seus avós assim viviam. Sem roupas. — diz Maju, uma colombiana que acompanha o grupo, falando a "Maria", uma índia batizada, vestida de chita, com espelhos e bijuterias da cidade.

"Maria" tema do postal das mãos do Maju, comprados em Manaus, e sua reação é imediata: tira as roupas e volta a ficar nua como todos os seus antepassados. Os índios podem ser aculturados, transformados em cristãos, violentados em sua propriedade e produção comuns. Mas sua memória não pode ser destruída. E ela sobrevive como uma chama a servir de bússola à luta de todas as minorias.



Calma garotos, saberemos a hora

Não vamos entrar em detalhes sobre as causas que deram origem à mais esta instituição chamada Universidade. Para que serve e suas mil e uma funções, tampouco. O que vamos analisar é o sentido das lutas específicas que se originam dentro dela, como as reivindicações estudantis, dos professores funcionários etc.

Em todos os países, tanto no bloco socialista como no capitalista, na sua grande maioria as lutas travadas por todas as pessoas que compõem esta instituição são estritamente de contestação contra os seus respectivos sistemas de governo. O governo também sabe disto. A CIA, KGB e outras organizações de controle social. O que se pretende mostrar com isto, é que em todas as partes do mundo as manifestações são sempre (ou melhor, quase sempre) não só controladas por estas organizações repressoras como também inteligentemente colocadas em um plano que não mais ofereça perigo de transformação social, por mais lutas que se trave. Os aparelhos de Estado estão cada vez mais se aperfeiçoando no sentido de controlar a sociedade. Como uma praga que surgiu em todo o mundo, a epidemia de centralismo, burocratismo, deixa cada vez mais os indivíduos destituídos de liberdade para escolher os seus caminhos. George Orwell já sabia disto. "1984" está aí.

Nossa preocupação com estudantes seria no sentido percebermos criticamente as nossas posições em relação ao tempo em que vivemos, isto é, revendo lutas passadas; seus erros e acertos, procurando renovar a cada problema novo que surge, procurando solucioná-lo também com medidas novas. Em 68 houve suicídio dos movimentos estudantis. Talvez inevitável. Hoje todas as organizações estão se reestruturando. Mais formas velhas do que novas. Do futuro pouco podemos dizer. Falar em novos suicídios muito menos.

Porém, faz-se necessário análises do passado e do presente para percebermos a hora certa para darmos os nossos passos em busca de mundos novos, pois a cada passo que damos surge sobre nós tentativas de adaptações reformistas sobre uma capa muito perspicaz de explicações justificando os atos como estritamente revolucionários.

Para se destruir as instituições repressoras das sociedades, é preciso antes de mais nada o conhecimento específico, ou seja, o funcionamento de cada instituição por parte de seus membros, e perceber com detalhes toda a estrutura autoritária da mesma. Neste sentido pouco fazem os estudantes universitários. Além disso, colocam para dentro da Universidade, estruturas sociais também autoritárias, como por exemplo as formas eleitoreiras dos partidos oficiais, no caso a Arena e o MDB. Começa então a ter sentido esses primeiros parágrafos, pois ao mesmo tempo que se luta para uma transformação social radical no sentido de derrubar todas as estruturas autoritárias da sociedade, os estudantes lutam usando as mesmas formas de luta de quem não está querendo nenhuma transformação neste sentido. Será que já estamos controlados? Será que as nossas lutas não mais representam perigo para eles?

As lutas específicas dos estudantes são puramente reformistas, isto é, visam sempre reivindicar melhores condições de ensino, mais verbas para a universidade, mais professores, mais salas de aulas etc. No campo político, não são mais universitários, pois transformaram-se em contestadores diretos do regime, passando a serem: universitário-padre, universitário-advogado, universitário-emedebista, universitário-profissional-liberal etc. Estas lutas, a depender da conjuntura podem tornar-se muito válidas. Porém o que se tem

que se acrescentar é que hoje no Brasil existem milhares e milhares de estudantes que precisam ou necessitam de amplos debates sobre qualquer assunto de origem política. É o que não está acontecendo pois as formas de lutas por serem autoritárias não permitem que tais coisas se desenvolvessem, a não ser em épocas de eleições, quando os "líderes" são apresentados à grande massa alienada estudantil, que por sua vez, elegem esses "líderes" como elegem os seus pais, os seus professores, para que dirijam as suas vidas. Em todos os setores, até mesmo entre os estudantes e estrutura autoritária é a mesma.

E, voltando às lutas específicas, estes estudantes dito politizados (para bem do Estado) não percebem que lutas como: contra a burocracia da Universidade, contra a autoridade do professor, contra currículos pré-estabelecidos, etc. constituem-se em lutas estritamente políticas e do ponto de vista prático muito mais revolucionárias do que manifestações de minorias (quase todas fora de época) nas ruas.

É preciso que surja nas universidades formas de lutas autogestionárias, onde não haja nenhuma chefia, nenhum líder, onde todos percebam que toda estrutura de poder não passa de consolidação do velho mundo. É preciso que todos compreendam que cada um tem o direito somente de governar a si próprio, preservando assim, a liberdade de cada indivíduo. Só através destas formas de lutas, é que poderemos algum dia, chegar a uma sociedade onde ninguém mais esteja sujeito à autoridade do pai, do professor, do patrão, do Estado etc.

Aos estudantes, lutas através de suas federações, ao operários, lutas através de seus sindicatos.....Não se preocupem. Feito isso, a hora H saberemos. Calma garotos!

Sebastião Santa Rosa

*Não vá na
conversa do
projeto Rondon.*

Aurélio Vellame



"Uma experiência incrível"
sorri o anunciante do Projeto Rondon em mais uma campanha de recrutamento de universitários para mobilização que o Sistema desenvolve nas zonas rurais e agora nas áreas urbanas, junto às comunidades de baixo poder aquisitivo.

Incrível para quem?

Em primeiro lugar para o próprio Sistema, que passa a dispor de mão-de-obra gratuita para propagar sua demagogia junto a setores da população que estão afastados da prática deste tal projeto Rondon.

Além de atingir esse objetivo, o projeto, em verdade, só é incrível para os estudantes que dele participam. Milhares de rondonistas são filhos da classe média alta e da burguesia. Muitos nasceram e viveram nas grandes cidade. Será a primeira vez que tomarão contato com o chamado povo. E assim fazem, encantados, sorridentes e felizes, um período de treinamento prático e ficam conhecendo de perto o cheiro da miséria.

A comunidade, o que ganha?

Além do assistencialismo temporário, as comunidades atingidas pelo Rondon sofrem mais uma de suas frustrações quando se trata de travar contato com o sistema a nível de pessoas. Programas de vacinação, tratamentos dentários, aplicação dos questionários dos

rapazes de sociologia, e assim por diante, são ações que duram pouco mais de 20 dias a cada ano e a comunidade não mais está disposta a digerir este tipo de demagogia.

Como as despesas com hospedagem e manutenção dos rapazes e moçoilas do Rondon são pagas pelas Prefeituras Municipais, estas se sentem logradas e protestam a boca pequena. Algumas vão mais além recusando este "benefício" proporcionado por Sua Majestade.

Entrevistando um ex-rondonista, O Inimigo do Rei obteve o seguinte relato:

A população de Recife recebeu-nos mal. Uma das moças da equipe teve que voltar de avião, urgente, para a Bahia. A coisa terminou em agressão física.

— De um momento para outro apareceram militares de todos os lados. Estavam preocupados, tinham minha ficha escolar e pediram um relatório. Fiz um relatório confirmando o incidente entre a comunidade e os elementos do Rondon.

Mas, na segunda operação regional do Rondon na Bahia, O Inimigo do Rei estava presente. O relato de nosso repórter:

— Éramos dirigidos por um militar da reserva. Recebemos treinamento teórico de como atuar no

campo. Partimos com uma equipe de técnicos da então Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia. Devíamos fazer uma pesquisa de caráter sócio-econômico para a implantação do Projeto de desenvolvimento Integrado do Nordeste Baiano, Prodinator. Passamos mais de 20 dias viajando de cidade em cidade, aplicando questionários com perguntas fora, totalmente fora, da realidade local em que atuávamos.

Ao fim do período minha sensação era de um tremendo tempo perdido. Afinal, o que poderia ganhar a comunidade com mais uma campanha de vacinação — que nem mesmo ela se perduraria nos prazos necessários de imunização periódica?

Em contrapartida estudantes dos Estados do Sul se surpreendiam com a realidade que só conheciam através de poucas e fragmentadas informações. O deslumbramento com esta aula prática de realidade nacional logo seria colocado em xeque-mate pela própria atitude das populações carentes. Afinal de que serve uma equipe transformar os 20 dias de verão de uma vila ou cidade pobre do interior brasileiro, se nos demais dias do ano elas voltarão a viver a situação de miserabilidade que é marca de sua existência diária?

Em primeiro lugar, deve-se perguntar se o que ocorre hoje nesse país, tropical, é mesmo um processo de redemocratização.

Ninguém sabe. Paga-se para ver.

Marchas e contra-marchas. Dança-se aqui e ali. Parece que vai, mas não vai.

Tudo indica que a burguesia está cansada de um modelo autoritário de governo. Muito interessante, para ela, quando o país atravessava uma série de crises políticas, administrativas e econômicas mas que depois de muitos anos de experiência provou esgotar-se como um meio efetivo de controle da sociedade e, isto é fundamental, de reorganização do processo econômico. Em resumo, o modelo implantado não dá mais lucro.

Por outro lado, Carter se interessaria em experiências democráticas na América Latina pois este sorridente senhor, compreende que capitalismo moderno significa conter através do consumo e não de ditaduras militares, sempre ineficientes, por arcaicas no atual estágio de desenvolvimento do imperialismo americano.

A América de Nixon do Watergate compreendeu (a guerra do Vietnã foi muito importante como experiência), que só duas coisas podem manter o capitalismo dominando: o consumo e negociar com os países comunistas as futuras revoluções.

A Europa provou serem esses os únicos caminhos.

Enfim: empanturram o povo de televisão a cores e enlatados. Dar-se as sobras para não ceder o pirão.

Por outro lado, os países comunistas são sensíveis a uma negociaçãozinha. Os interesses russos e chineses, em vários lugares variam e competem, permitindo, portanto, ao imperialismo americano negociar com sucesso.

Por exemplo, se o Camboja fosse entregue à China, Allende cairia no Chile sem reação significativa dos comunistas.

Não foi só para tomar chá que Nixon foi a China e lá voltou.

Por outro lado, se os partidos comunistas da Europa ficarem bem comportados, pode-se negociar a África (algumas ex-colônias de Portugal), por exemplo e até mesmo a suspensão do bloqueio econômico a Cuba).

Os partidos comunistas se comprometem com o governo democrático europeu e passam a ter uma posição reacionária em relação a uma verdadeira revolução.

Especulações e Certezas

Ricardo Líper

O desespero das Brigadas Vermelhas foi ter descoberto que a revolução seria a última coisa que passaria pela cabeça do mastodonte Partido Comunista Italiano.

É muito mais proveitoso para Washington, comprometer os comunistas através de negociações vantajosas, com Moscou, do que manter a C.I.A., assombrando os povos.

O prestígio da C.I.A. foi abalado por estar ficando aos poucos, e claro, ultrapassado. Os partidos comunistas podem substituí-la e com vantagem.

Para os marxistas, qualquer situação política de seus partidos é explicada "dialecticamente", o que significa que qualquer coisa que façam no momento, é o certo, inclusive substituir a C.I.A. como fez em maio de 68 na França.

Os partidos comunistas fazem o jogo histórico da Rússia e do momento que eles interpretam em função dos seus interesses, a maioria das vezes, contrários ao do operariado.

Não é à toa que o P.C. argentino é a única oposição permitida e apoia a violenta ditadura de Videla chamando-a de "progressista".

Compreendendo esses fatos, os americanos estão desejosos que os regimes também entendam isso.

As democracias portanto, começam a ser outorgadas.

Na Espanha mal esperaram o homem morrer.

A burguesia espanhola exausta da bancarrota econômica, entraria para o Mercado Comum Europeu. Por isto apoiou o príncipe democrata. O partido comunista ficou tão agradecido com a legalidade que o povo já o chama de Real Partido Comunista. Esforça-se mais do que o Governo para preservar a democracia espanhola. Até eurocomunismo criou...

Portugal e Grécia tiveram o mesmo destino.

Chegará a vez da América Latina.

A burguesia conseguiu aprender a conviver com a oposição oficial.

Chantageia com a democracia e a legalidade dos partidos comunistas e os transforma em guardiões do sistema.

O capitalismo também é dialético. Quando a coisa está preta para o lado dele estabelece a ditadura e controla a zona.

Quando venceu os reais opositores e pode soltar as migalhas sem prejudicar o lucro, outorga a democracia. De cima para baixo, por decreto, chantageando a oposição, parágrafo por parágrafo.

Conta para isso com o oportunismo político das esquerdas tradicionais, justificado em suas mirabolantes análises do momento histórico e chamado por elas de "estratégias políticas".

O esquerdão autoritário sempre raciocinou em termos de alianças táticas com forças sociais quando não delira de vez e, acreditando na rigidez de estágios evolutivos da sociedade, alia-se à burguesia nacional.

Claro que a burguesia topa qualquer aliança, desde que controle a situação. E, assim, controla a sociedade substituindo os mecanismos de opressão tradicionais pelo esquerdão, ingenuamente dialético.

No Brasil a situação é mais engraçada porque nossas esquerdas autoritárias reproduzem em suas posições políticas o estágio geral do subdesenvolvimento.

Só houve um momento na história das lutas sociais no país onde se agiu de forma coerente e séria. Foi quando as lutas sociais eram dirigidas pelos sindicatos anarquistas do início do século.

Depois que a repressão, sempre auxiliada pelos comunistas, eliminou a oposição operária esta passou para as mãos dos intelectuais oriundos da pequena burguesia brasileira.

Começaram os enganos, os análises oportunistas, os desencontros, o desespero, e, por fim, o engajamento na luta democrática. Por ironia da história, esta democracia, tudo leva a crer, vem sendo outorgada de cima para baixo.

Os intelectuais mexeriqueiros da pequena burguesia estão podendo cacarejar porque assim quer e permite o governo.

Num país que a independência foi feita por um príncipe da metrópole, a república pelo exército, é de esperar mais uma modificação: outorgada.

Mais uma vez pegará os nossos intelectuais pequeno-burgueses de sempre despreparados, desesperados e oportunistas.

Estado e Cultura

Edmundo Sento Sé

A problemática sobre o Estado torna-se a cada dia um dos assuntos mais discutidos nos círculos intelectuais de nossa época. Fala-se, por exemplo, nos mais variados aspectos, de como este apresenta-se historicamente, ou seja, se feudal, monopolista, burguês, operário etc, e até que ponto este interfere no Sistema Cultura, a ponto de atrasar, entrar, corromper, ou mesmo liquidar todo o complexo cultural.

Para a grande maioria de intelectuais que meditam sobre a função real do Estado, tem-se chegado à síntese básica de que o que temos hoje no século XX, são dois grandes tipos de Estado. De um lado o dito Estado burguês com modo de produção capitalista, e do outro, o tido Estado operário com modo de produção socialista. Contudo, para outros estudiosos, o problema do Estado é visto com maior seriedade e aprofundamento, deixando de ser assim, análises simplistas.

Dentre estes estudiosos, encontramos o professor e sociólogo Luiz Alfredo Galvão, que é de uma nitidez incontestável quando em seu trabalho "A CRÍTICA DA POLÍTICA" observa que "A realidade é de um estatismo crescente — e não só no mundo socialista. Mesmo sem a revolução do proletariado, vemos também nos países ditos capitalistas o progressivo crescimento da função administrativa do Estado e o seu crescente poder econômico. Que este Estado seja definido ideologicamente como burguês ou proletário, não importa. O que importa é que, objetivamente, o que temos é o Estado se agigantando, e perto dele o Leviatã de Hobbes mais parece um anãozinho da Branca de Neve". (p. 21).

Em outra parte do mesmo trabalho, acrescenta o professor Galvão, que "O Estado se transforma numa categoria econômica porque ele deixa de ser superestrutural para se transformar em um dos fatores estruturais da sociedade. O Estado passa a ser o agente que organiza, regula, controla, administra e planeja a produção social".

Em suma, constitui-se em um novo modo de

produção, o desconhecido estatismo, que não só necessitará da burocracia para sobrevivência, como também, indivíduos capazes de serem manipulados e oprimidos por esta "poderosa máquina".

O que determina a interferência estatal no Sistema Cultura, não é a priori o modo de produção como pensam muitos economistas, mas sempre as minorias detentoras do poder. O modo de produção dito capitalista, por ser anárquico, ou seja, a circulação da mercadoria é em quase sua totalidade livre; faz com que o Estado gerencie parcialmente o Sistema Cultura, logo, deixando a maior fatia do bolo, por conta da burguesia detentora da propriedade dos meios de produção. Ora, esta minoria que encontra aparato jurídico-político favorável no Estado, canalizará e direcionará todo o complexo cultural para interesses próprios. É, o que ocorre por exemplo, em países como o EUA, Inglaterra, Alemanha, França, etc.

Já, no tido Estado "operário", o modo de produção passa a ser organizado pela máquina estatal, de cima para baixo. Esta organização necessariamente induzirá ao surgimento não só da burocracia, haja vista que a primeira é sinônimo da segunda, como também de uma pequena-burguesia intelectualizada. Estes intelectuais pequenos-burgueses, favorecidos não só pelo aparato jurídico-político, canalizarão todo o complexo cultural para a formação de uma base sólida que os sustente infinitamente no poder.

Ora, vemos, então de antemão, a absurda contradição nos países tidos por "socialistas". De um lado, a força produtiva proletária, e da outra, os burocratas pequenos-burgueses que, quer queira, quer não, constitui-se em uma nova classe. Em última análise, a diferença fundamental entre o modo de produção capitalista e o modo de produção socialista, é que no primeiro, a propriedade dos meios de produção encontra-se em mãos de burgueses "particulares", e no segundo, a propriedade privada dos meios de produção, encontra-se em mãos de pequenos-burgueses "estatais". Logo, o que temos na URSS, Cuba,

China, Albânia, etc. não são Estados com modo de produção socialista, e sim, Estados com modo de produção Neocapitalista, ou seja, nazista.

O alerta: Muitas pessoas, poderiam pensar que a relação do Estado com o Sistema Cultura passou despercebido ao longo dos anos, porém, no século passado, pensadores Libertários como Proudhon, Max Stirner, Bakunin, Malatesta etc, já alertavam a corrosão imposta ao Sistema Cultura através do Estado, corrosão esta, gradual, segura e premeditada. Para Max Stirner por exemplo, o Estado era visto assim: "Nós somos os dois, o Estado e eu, inimigos... pois este desperdiça, paralisa e destrói".

Já para Proudhon, o "Governo do homem pelo homem é servidão. Quem puser a mão sobre mim para governar, é usurpador e um tirano. Declaro-o meu inimigo". "Ser governado é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, parqueado, doutrinado, predicado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado, por seres que não têm nem o título, nem a ciência, nem a virtude (...). Ser governado é ser, a cada operação, a cada transação, a cada movimento, notado, registrado, recenseado, tarifado, selado, medido, cotado, avaliado, patenteado, licenciado, autorizado, rotulado, admoestado, impedido, reformado, reenviado, corrigido. É, sob o pretexto de utilidade pública e em nome do interesse geral, ser submetido à contribuição, utilizado, resgatado, explorado, monopolizado, extorquido, pressionado, mistificado, roubado; depois, à menor resistência, à primeira palavra de queixa, reprimido, multado, vilipendiado, vexado, açoitado, maltratado, espancado, desarmado, garroteado, aprisionado, fuzilado, metralhado, julgado, condenado, deportado, sacrificado, vendido, traído e, no máximo grau, jogado, ridicularizado, ultrajado, desonrado. Eis o governo, eis sua justiça, eis sua moral".

O tempo avança, e torna o problema ainda mais grave, porém o alerta já foi dado.

V CNTI: onde estavam os trabalhadores?

Antônio Fernandes Mendes

Tomando conhecimento do 5o. Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria — realizado no Pavilhão de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, de 24 a 29 de julho — e sendo sindicalizado pelo Sindicato da Indústria de Calçados de Salvador, por conta própria e voluntariamente fui tomar parte do encontro.

Rumei no dia 24 para lá — uma manhã de muito sol e fumaça no Rio, principalmente ali na Zona Norte. Às sete horas já me encontrava naquele campo que, outrora foi palco de tantas lutas operárias, com sucessos e com fracassos, mas todas imbuídas de espírito libertário das massas oboeiras.

Se houve oportunismo e autoritarismo nessas lutas foi resultante de ingerências externas à classe operária que, com seu espírito aberto a uma nova sociedade (assentada na liberdade, na igualdade na fraternidade e na responsabilidade), deixou que outras classes usassem o seu nome para se enveredar por caminhos obscuros, afastando o operariado de sua emancipação social.

Ali, naquela manhã de julho, pela primeira vez me encontrava num congresso de trabalhadores. Ao me acercar daquele pavilhão, senti como se estivesse num quartel, tal o esquema de segurança-militar montado em volta do campo. Depois de alguns entraves para entrar (fui abordado por vários agentes de segurança), andei alguns metros e fui abordado por um operário distribuindo o regimento substitutivo da CNTI, que, autoritariamente, havia elaborado as teses sem consultas aos trabalhadores, nas suas bases ou em seus sindicatos. Fui repreendido por um guarda por ter recebido o regimento das mãos do operário.

Todos os trabalhadores que chegavam eram abordados pelos guardas e avisados de que era proibido receber livrinhos, impressos ou qualquer boletim sindical.

Sabendo, então, que iria enfrentar dificuldades para entrar, dirigi-me a alguns operários e perguntei-lhes se, sem ser convidado e apenas na qualidade de trabalhador sindicalizado, poderia entrar. Eles, ingenuamente, respondiam com a pergunta "e por que não?"

Mas, como previa, a coisa não foi fácil. Só entrava mesmo quem apresentasse o crachá da CNTI. Assim, todos os que apresentavam "apenas" a carteira de sindicalizado iam ficando do lado de fora, até formar-se uma pequena multidão, postada ao lado do muro do pavilhão. O esquema de segurança era dos mais ostensivos. Tudo era revistado. A certa altura, ouvi de um operário da construção civil as seguintes palavras: "Eu não sou marginal. Ajudei a construir este pavilhão. Portanto, não vou me submeter à ingerência na minha individualidade de cidadão honesto e trabalhador" e, mesmo portando a credencial, ficou do lado de fora. Neste momento chegava o presidente da República. Os guardas fecharam os portões e ficaram sem entrar cerca de 800 trabalhadores, 80 por cento por estarem sem credencial e o restante em protesto pelo esquema de segurança.

Depois de incansáveis idas e vindas de trabalhadores credenciados ao pavilhão, o problema do ingresso dos trabalhadores não credenciados foi resolvido, apesar da relutância do próprio Ary Campista em atendê-los.

Encerrado o primeiro dia de debates, houve um convite por parte de alguns trabalhadores para que nos dirigíssemos ao Sindicato dos Trabalhadores de Energia do Rio de Janeiro, quando seria debatido o regimento substitutivo. O pessoal de São Paulo fez coro na sucessão de oradores, todos pedindo liberdade sindical e conclamando os trabalhadores para uma oposição cerrada à tirania da CNTI.

Nesta ocasião usamos da palavra pela primeira vez: Fizemos um histórico do anarco-sindicalismo — a partir de 1886 até 1916. Lembramos os fundos que os operários do Rio e São Paulo enviaram às famílias das vítimas de Chicago e o I Congresso Brasileiro dos Trabalhadores, em 1906, no Rio de Janeiro. Falamos também sobre a tentativa do governo do Marechal Hermes de impedir um outro congresso dos trabalhadores, em 1911, para atrelar o

Na primeira oportunidade que tivemos de falar em público, colocamos que o sindicato é uma escola livre, libertária, condenando toda a autoridade e chefia do Estado e estranho a qualquer poder governativo. E mais ainda: criando em cada indivíduo um valor consciente e social, uma capacidade técnico-administrativa de gestão direta da produção.

Durante este congresso, notou-se um crescimento das divergências na oposição, principalmente no que diz respeito às formas de organização de um trabalho de base e às formas impostas de cima para baixo. Havia contestações daqueles que diziam que "agora estão começando a falar sobre o trabalhador". Os trabalhadores estavam entocados dentro dos sindicatos e só quando conseguiram passar por cima de tudo com as greves sem comando foi que estes sindicatos acordaram do sono letárgico.

Com o passar das sessões e entre gritos e insultos, os grandes oradores que se mantinham calados foram se revelando e se posicionando com grande segurança, como os companheiros gráficos de São Paulo e

Este é o relato de um trabalhador que participou por conta própria do V Congresso dos Trabalhadores na Indústria. Aqui, ele mostra o que nem a "grande" nem a "pequena" imprensa mostrou.

movimento sindical emergente ao carro de boi do Estado. Foi um verdadeiro fiasco o congresso de 1913, dando margem ao surgimento de teses de repúdio à política partidária, à ingerência do Governo e do Estado na vida sindical.

Foi examinado o problema de como evitar a corrupção no seio da classe. A solução encontrada foi a de evitar cargos remunerados, privilégios etc. para dar lugar a uma eficaz educação aos trabalhadores de base.

Com o ex-ministro Arnaldo Sussekind tendo seu pronunciamento apagado pelo grito de "pelego!" "pelego!" ou "viva o sindicalismo livre! Viva a autogestão!" etc., o V Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria deu oportunidade para que fosse questionado o autoritarismo, o Estado etc. Houve coisas das quais a imprensa não falou, como as oposições que surgiam dentro da oposição, as várias tendências políticas (desde o autoritarismo ortodoxo nazista, passando pelos trostkistas até os anarquistas, libertários). Nas reuniões paralelas, muitos grupos refutavam qualquer forma autoritária de ação.

alguns metalúrgicos das cidades do ABC paulista e de Santos, e ainda São José dos Campos, Volta Redonda e Belo Horizonte, que deram uma verdadeira aula de educação e de conscientização sindical. Lembro-me que, em dado momento, estava no bar tomando um café quando apareceu um companheiro de São Paulo, que, mostrando-me uma bandeira negra numa sacola, dobrada, disse: "Se a coisa esquentar, abro hoje esta bandeira do anarquismo aqui e vamos dar uma lição com a que deram os nossos companheiros na França, em 1968". A bandeira tinha quase três metros e ele me contou: "Isto aqui é uma relíquia dos meus pais, que tanto lutaram pela liberdade total do homem".

Este companheiro lembrou a chacina de Chicago. Mas lembrou também que os tempos mudaram e hoje até os cabos e soldados têm seus sindicatos. À tarde, fomos cercados por alguns guardas que vieram nos dar os parabéns por termos nos lembrado de falar deles, pois eram humanos e também estavam sofrendo aperturas com suas famílias. Lembramos a eles que não estávamos ali para subverter a

ordem de ninguém, mas sim para abrir os olhos dos homens para uma vida livre e fraternal, onde todos vivessem em paz e em harmonia, num mundo sem classes.

Um momento de verdadeiro humor neste congresso: próximo a ser encerrado o expediente, um rapazinho do Amazonas, que vinha encomendado por Ary Campista e com pinta dos jovens da TFP, começou seu discurso quase virado para a mesa, sem olhar para o plenário, e disse: "Aqui há sindicalistas e sindicaleiros. Estes sindicaleiros são um bando de agitadores e subversivos". Choveram vaías e ele ouviu de um trabalhador: "Você, porque vive à custa do suor dos companheiros, aqui vem para trair a classe". E o jovem, berrando: "Não estou aqui por conta de sindicato nenhum" disse, apoplético, para revelar: "Estou aqui pago pelo meu governo, do Amazonas". Em resumo, depois de um trovão de vaías, o jovem teve de ser retirado às pressas do pavilhão e nunca mais voltou.

Prosseguimos em nossos pronunciamentos sempre nos posicionando contra o Estado, a favor da autogestão. Repisamos temas sobre a liberdade sindical, a conscientização nas bases, o repúdio à política de Estado (ou seja, o Parlamento), a ingerência de partidos usando o trabalhador. Mesmo porque a história está aí mostrando o que aconteceu com o "socialismo" de Estado. Mostramos ainda que só uma sociedade onde fosse proibido proibir o homem trabalhador teria sua emancipação total.

Mais tarde, num encontro com alguns companheiros, lembrei que a terra deve ser de quem nela trabalha. Pedi aos companheiros uma maior conexão com os trabalhadores do campo que, além de nossos irmãos, são os que nos sustentam com o pão de cada dia e que hoje vivem submetidos a um jugo draconiano, explorados através de mil astúcias dos seus exploradores. Finalizando minha fala, lembrei aos companheiros o perigo das coisas grandes, como confederações nacionais, partido operário nacional etc. Isto é perigoso. A infiltração de elementos estranhos à classe, a burocracia, tudo isso nos sufocaria. Que nos federássemos, mas sem submissão a quem quer que seja.

A verdade é que alguns jovens me procuraram para dizer que não estavam de acordo com a autogestão. Conversa vai, conversa vem, pude ver que eles estavam apegados a dogmas — como o marxismo e, pior, o stalinismo. E pensar que foram esses jovens os que mais falaram em nome dos trabalhadores... Os contestei mostrando as novas classes surgidas na Rússia, Cuba e tantos outros chamados falsamente de "estados operários". Aliás, mesmo que fossem estados operários não passariam de um absurdo, pois qualquer que seja o colorido que se dê ao Estado, ele sempre será o opressor do homem.

No final do congresso, a oposição tentou ler a carta de princípios e teve sua intenção barrada pelo ditador Ary Campista. Notava-se nos olhos de todos o fracasso de tanto barulho por nada. Voltei para casa e fui matar o sono de tantas noites em claro.

Encerro lembrando os companheiros que, durante o Congresso, não usaram da palavra mas estavam sentindo o que ali se passava. Analisando tudo com o seu espírito libertário, discutindo o que fazer em suas bases. Minha gratidão a estes extensiva àqueles que, nas suas fábricas, não esperam por guias nem chefes e se fazem livres para gerir o seus destinos. Quero lembrar também aqueles que falaram e a imprensa não os escutou. Suas palavras de liberdade, igualdade e fraternidade.



Um pelego de dezoito quilates

Que pensaríamos de um operário que tivesse carro de último tipo, motorista particular, usasse roupas finas e bem talhadas, sapatos de cromo importado, perfumes franceses, rosto impecavelmente escanhado, unhas polidas, mãos finas, transasse com presidentes, ministros, generais, industriais e... naturalmente, em certos momentos, com proletários e vivesse de salários que atingissem a soma de 50 mil cruzeiros?

Não, amigo leitor, não estamos delirando. o espécimen existe e tem o nome de Ministro (assim mesmo) Ary Campista, presidente perpétuo da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria.

É na realidade um pelego de luxo, isto é, de altíssimo luxo, que deve lavar as mãos com água de rosas, toda vez que por obrigação de ofício tem o desprazer de apertar as mãos calosas e suarentas de miseráveis trabalhadores.

Este fóssil vivo do decadente sindicalismo estatal brasileiro, filho dileto de Vargas, amamentado nas tetas de todas as ditaduras, exímio trapezista, invertebrado de todos os regimes, nasceu para a "profissão" como chefe do Departamento Pessoal da Perfumaria Lopes, do Rio de Janeiro. Era emissário dos patrões, incumbido de solucionar questões trabalhistas. Pela mão do pelegão Deocleciano Holanda Cavalcanti, chegou à CNTI e em 1956 tornou-se vice-presidente. Fundou a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e inchado de vaidade candidatou-se a vereador pelo Partido Democrata Cristão, mas o tiro saiu pela culatra.

Nos anos 50 jogava o fino na extrema-esquerda,

mas sentindo os ventos lufarem à direita e a tempestade de 1964 se avizinhandando, aconselhado por amigos fardados, despiu a camisa cor-de-rosa e passou a execrar Jango e os radicais. Assim, mais pelos do que por inteligência, salvou a pele e o gordo "tutú".

Foi conduzido ao Tribunal Superior do Trabalho por Castelo Branco, vetado no governo Médici; mas com Geisel voltou ao TST. Acoplado de "dedo duro", é subserviente e capacho com os poderosos e ditatorial e arrogante com os humildes. Viajou pelo mundo e se tornou um apreciador de bons vinhos e degustador de queijos raros.

Atualmente aos 67 anos, pretendendo se aposentar em 1980, imaginou uma tremenda apoteose com a realização em julho do V Congresso da CNTI no Rio. Para tanto percorreu norte e nordeste, distribuiu fartas propinas, arranhou transporte gratuito em aviões, alojou operários em quartéis, manejou astutamente sindicatos fantasmas, convidou o presidente Geisel, tudo preparadinho para um grande final.

Porém as bruxas estavam soltas...

Inaugurou a festa acompanhado de seu guarda-costas, um negro monumental de dois metros de altura, que a oposição, por puro deboche, alcunhou de King Kong; destinado, provavelmente, a defender sua safadeza. Não contava, que uma renhida facção de opositores virasse a mesa de pernas para o ar.

Representantes sindicais que não rezam pela cartilha do atual sindicalismo "lambe-botas", resolveram se insurgir contra a farsa do Campista (perdão... Ministro Ary Campista) e partiu para a realização de um congresso paralelo ao programado e que discutisse

temas de real interesse para o trabalhador.

A sucessão de fatos foi dose para elefantes e pelegos.

O Sr. Arnaldo Sussekind (ex-Ministro do Trabalho do governo Castelo Branco) foi tremendamente apupado, esperou pelo espaço de uma hora pela autorização do plenário a fim de realizar sua conferência, enquanto o Pelego de Ouro tremia nas pernas e retinha pelo braço o conferencista.

Vozes explodiram dos quatro cantos do plenário para condenar os métodos nazistas ensaiados e levados à prática pelo Ministro (vá lá!) Ary Campista, que profundamente agastado se refugiou em seu escritório refrigerado, evitando todo contato com a imprensa e oposição.

Fato inédito do Congresso realizado no Pavilhão de São Cristóvão, foi a consciência nítida de que não basta apenas derrubar o Sr. Ministro (no dia seguinte estariam mais de cinquenta pelegos pretendendo assumir o cargo vago), e sim liquidar as estruturas fascistas do sindicalismo vigente, produtor e sustentador de todo o peleguismo.

Os temas de liberdade sindical, autonomia, democracia, libertação dos sindicatos das amarras do Ministério do Trabalho, supressão do Imposto Sindical, contrato coletivo de trabalho, modificação da CLT, etc., encoaram pelo plenário, assustando os acomodados.

O Ministração arrepiou carreira, sentindo que seu reinado e uma época estão chegando ao fim e que brevemente ele será apenas lembrado nos tratados de Paleontologia Sindical. Um exemplar típico de uma era que nunca mais será reproduzida.

CARTAS

Querido Inimigo (do Rei),

Tem um pouco de agressividade demais contida dentro do falso monolitismo da esquerda, fruto de algumas poucas cabeças pensantes que querem falar em nome de todos. Seguinte: essa agressividade tem que sair, conforme a gente vai abrindo as brechas. O Inimigo, que é meu amigo porque nos liga o mesmo ódio pelo Rei, me parece uma dessas brechas. Então, diante de todo esse frisson de redemocratização, peço licença para dar um peido no meio da platéia e dizer a vocês que eu tenho reclamações anteriores pra fazer. Estou batendo os pés. Mandeí essa carta para o Movimento. Ela é um pouco aquilo do que penso, um pouco de agressividade contida. Gostaria que vocês tornassem ela pública. Morro de gosto em que isso aconteça. É preciso dizer mais? Que tesão!!!

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

São Paulo, 29 de junho de 1978.

Senhor Editor,

Fui uma das vítimas da censura policial exercida contra esse Jornal, pois entre os 3.093 artigos vetados pela polícia federal encontrava-se uma matéria escrita por mim. Trata-se de uma resenha do livro Retrato de um Casamento, na qual eu aproveitava para analisar a situação discriminatória vivida pelos homossexuais e sua reação militante no mundo inteiro.

Sei que os artigos censurados encontram-se arquivados na redação desse jornal e que os senhores pretendem eventualmente tornar público pelo menos uma parte deles. Mesmo sendo remota a possibilidade de tencionarem publicar a referida resenha, venho antecipadamente desautorizar o jornal Movimento de fazê-lo. Essa matéria escrita por mim acabou sendo, a minha revelia, totalmente mutilada e desfigurada pelo Editor de Cultura, chegando a se tornar algo estranho às minhas intenções. Aliás, quero lembrar que não se trata de um caso isolado. Posteriormente, escrevi um outro artigo, desta vez sobre o tratamento dado ao homossexualismo no teatro, e entreguei-o a esse jornal. Pois bem, tal matéria foi enviada duas vezes à censura federal e passou incólume. Entretanto, saiu publicada no Movimento com vários cortes e meu nome permanecia como autor. Quando protestei perante esse jornal, fui informado que o Editor considerara algumas das minhas frases provocadoras e decidira não publicá-las. A partir desse episódio, encontrei outras pessoas também indignadas com a censura exercida

contra elas por esse jornal. Eu era apenas uma das inúmeras vítimas.

Espero que o abrandamento da censura policial seja um incentivo para que Movimento mude também seus hábitos autoritários. Ainda que baseados em princípios aparentemente diferentes, eles conduzem à mesma violentação dos decantados direitos de livre expressão do pensamento. Gostaria que o carimbo "SEM CENSURA", agora impresso na página de rosto desse periódico, realmente corresponda à verdade daqui por diante. Só assim não correremos o risco, neste país, de ver um rei substituído por outro.

Respeitosamente, sou

João Silvério Trevisan

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★
O Núcleo de Trabalho Alternativo (NTA), enviou-nos um programa de suas atividades artísticas em Porto Alegre. Instituído, inclusive, o troféu AUGUSTO COMTE aos mais destacados bustos neo-positivos de todo o país, dentre os já escolhidos estão: Chico Buarque, Fernando Henrique Cardoso e muitos outros. Atenção pessoal do Nordeste: O Inimigo do Rei vai sugerir os nomes dos coroados daqui, para receberem o troféu e um prêmio. Leia, abaixo o programa:

CENTRO DE CULTURA MÁRIO BERTONI — Um projeto de arte solidária marcado no dia 8 de agosto. Agora sai às ruas. Mário Bertoni? um psiquiatra. Os méritos do nome não estão em questão. Um solidário. Produção individual viabilizada em comum. Cinema, teatro, música, artes plásticas, literatura, sociologia, para impedir o estancamento da hemorragia. Sangue. Muito sangue para colorir a classe média. Quanto ao lançamento oficial está aí JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA. Mais tarde, tem ANA CAROLINA e seu filme MAR DE ROSAS. E tem mais um ensaio sociológico que tem como palco o Manicômio Judiciário. Uma cinemateca para Porto Alegre, a província brindada com os ares da metrópole e a programação semanal do Museu de Arte Moderna O que restou do incêndio para queimar as almas. Godard e os marginais polidos do cinema nacional. SUMMA NOVA-RUMM BRASILIENSIS, ou AS AVENTURAS DE ULISSES PERNAMBUCO, livro de Gilson Moura que vai para a gráfica em setembro. Mostra de artes plásticas, espetáculos teatrais, publicações, ensaios, contos, poemas arte solidária núcleo de trabalho alternativo.

TROFÉU AUGUSTO COMTE — Trata-se do prêmio instituído pelo NTA no dia 19 de fevereiro deste ano. Lançado em São Paulo, ele vai destacar os bustos neo-positivos de todo o país nas mais diferentes áreas. Assim haverá prêmio ao político mais eminente da categoria, ao sociólogo, à pessoa de teatro, cinema, artes-plásticas, jornalismo, respeitando sempre os princípios básicos do pensamento comteano (Segue regulamento). Com quase seis meses de existência, o troféu começa a chamar a atenção dos setores mais ortodoxos. Temos portanto o início da grande corrida. Na área do sindicalismo, Lélia Ábramo desmonta com vantagem, vencendo até mesmo os mais reconhecidos pelegos. Está em estudo uma menção honrosa no setor de cooperativismo para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. No corporativismo, tão nosso conhecido, competem ombro a ombro, o Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul e a Associação Profissional de Atores e Técnicos em Espetáculos de Diversões do RS, sem falar, é claro, na Associação dos Sociólogos, também do RS. Candidatos de outros Estados apresentam-se. Até o momento, fica com o grupo Liberdade e Luta (São Paulo), o destaque político, uma vez que Fernando Henrique Cardoso se satisfaz com o título de astrólogo do Empresariado Nacional. É para Fernando Peixoto que vai a destaque teatral, pelo conjunto de sua obra, iniciada nos palcos gaúchos. Lembramos a quem interessar possa, que os críticos Ian Michalski e Sábado Magaldi já têm garantido um prêmio hors concours pelo conjunto homogêneo da obra. Já na área de dramaturgia é Chico Buarque, com a sua "ÓPERA DO MALANDRO" que garantiu seu espaço e seu busto de gesso. Além do busto de Augusto Comte, cada um dos premiados receberá a coleção completa dos livros de Nelson Werneck Sodré, ou a quantia em dinheiro correspondente. Inscrições e maiores informações podem ser obtidas na rua Barros Cassal, 513, Porto Alegre. A indicação de candidatos pode também ser feita através de cartas para o Núcleo de Trabalho Alternativo — Troféu Augusto Comte (o mesmo endereço).

FRATURA EXPOSTA — Sai em setembro o próximo número desta publicação ocasional do Núcleo de Trabalho Alternativo (NTA). Em homenagem ao aniversário. Um ano de lançamento de A MORTA, de Oswald de Andrade. A grande festa de nossa independência. Vai para as bancas com José Celso Martinez Correa, com Arte versus Populismo, Cinema à luz de Velas ou Que Saudades do Enterro da

Cafetina. Mais um encarte especial para a questão do Mito do Poder.

Já está nas ruas o Manifesto Alter-Nativa: "ESTAMOS ABRINDO PASSAGEM NO BRAÇO. SAI DA FRENTE QUE AÍ VEM GENTE". Uma escarrada seca nos contatos imediatos de quinta categoria.

Núcleo de Trabalho Alternativa

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★
ABI, nada muda.

Sr. Redator:

Lí as declarações do candidato único à reeleição na Associação Baiana de Imprensa. Um bom moço, preocupado com os problemas salariais dos jornalistas baianos.

A propósito, como jornalista, desejo lembrar aos colegas que, em termos de organização de classe, os estudantes de Salvador estão a dar um exemplo de muita independência, ao criarem a sua Federação Livre Estudantil, desvinculada do autoritarismo das entidades oficiais ou para oficiais.

Em verdade não apenas salário preocupa os jornalistas baianos. Boa parte deles estão preocupados com a crescente autocensura que substitui a chamada censura prévia e a censura a posteriori desenvolvida por Brasília.

A saída para tal quadro, bastante negro, qual seria? Dentro do mesmo raciocínio acreditamos que os jornalistas independentes devem partir para a fundação de seu próprio núcleo sindical livre, desvinculados do peleguismo do Ministério do Trabalho e do neopeleguismo representado por "lideranças" nascidas nos últimos tempos em função de velhos jargões de uma autodenominada esquerda, cada vez mais esclerosada.

Tal proposta implica em: combater o Imposto Sindical vinculação econômica do sindicalismo com o Ministério do Trabalho; partir para as comissões de base, em locais de trabalho, formando-se frente pelas bases, denunciando-se toda e qualquer tentativa de "frentismo" de cima para baixo; negociação direta entre patrões e empregados sem a interferência nefasta do Estado e fora dos esquemas monopolistas de lideranças autoritárias; vinculação das reivindicações econômicas, de caráter imediato, às reivindicações políticas, de caráter geral, imprescindíveis à mudanças em profundidade na sociedade em que vivemos.

Grato, o leitor A.A. V. Miranda

Todos conhecem, pelo menos de nome, Luiz Inácio da Silva, "O Lula", presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. É um operário inteligente, de olhar vivo e que provocou certa perplexidade nos meios sindicais e governamentais ao adotar certas posições de inspiração nitidamente anarco-sindicalista com referência aos problemas dos trabalhadores brasileiros, ainda que, talvez, nunca tenha lido algo sobre o assunto.

Por outro lado, apresenta uma clareza de linguagem e exposição que torna os problemas obviamente claros como quando se refere a uma pergunta feita pela revista Isto É (1/2/1978) sobre a melhora da consciência de classe no setor metalúrgico:

"Existe, na categoria dos metalúrgicos, um pessoal preparado, que lê jornais e sabe das coisas. Mas a maioria dos trabalhadores não tem tempo de dar a benção para seus filhos. E há um negócio aí que só quem está por dentro percebe. Um trabalhador que está no Nordeste, ou mesmo no interior de São Paulo, trabalhando numa fabriquetinha de fundo de quintal, e entra numa Volkswagen, numa Ford, numa Mercedes, vai ganhar no início 10,11 cruzeiros por hora, 200 por cento mais do que ganhava, e então acha que está no céu. Ele tem assistência médica lá na empresa e tem banco para pagar a continha de luz dele e um serviço social para emprestar dinheiro para ele. E recebe um livrinho lá na empresa que diz que ele trabalha num lugar maravilhoso, e toma um copo de leite de graça dependendo da função que tiver, e um par de sapatos para trabalhar, e um macacão novinho. Então ele pensa: "Os caras do sindicato são umas bestas, eu estava na pior até outro dia e ninguém falava em lutar, agora estou aqui numa boa e os caras querem que eu lute e perca meu emprego". Entendeu como a coisa funciona? Quando ele começa a perceber que na verdade está sendo explorado, passou um ano e meio, dois anos, um pouquinho mais, e a empresa manda ele embora e pega outro, tão ingênuo quanto ele era quando chegou. Em São Bernardo Diadema há empresas que apresentam rotatividade de até 4 mil trabalhadores por ano. Quando esse pessoal sai da fábrica está ganhando, em termos de hoje, 15,18 cruzeiros por hora. Aí, ele vai arrumar um emprego de 8, por aí. Tem de recomeçar. Quer dizer, o reajuste de salário não tem a menor validade, é roído pela rotatividade. E esse operário tem condições de brigar? E por isso que estamos pensando na criação de um fundo de desemprego. Alguns sindicatos acham que deve ser criado pelo Governo e sustentado pelas empresas, mas eu acho que, enquanto não tivermos o poder de exigir isso, temos de criá-lo como os nossos recursos".

O "O Lula" nasceu em Garanhuns, Pernambuco, veio para São Paulo em 1959. Estudou o ginásio que não completou, fez o curso do Senai e se empregou como torneio mecânico até atingir a posição de mestre júnior na Villares S.A.

Na entrevista de Isto É (1/2/78), perguntado se via alguma possibilidade de aliança com certos segmentos da Nação, tais como Igreja, estudantes, intelectuais, assim respondeu:

"Para mim, a Igreja está fazendo o papel de quem está com remorso. Eu era coroinha, segurava batina, fiz primeira comunhão e um monte de coisas, e cansei de ver o padre pedir para a gente não brigar, pois quem sofre hoje alcança o reino

QUAL É A DE LULA ?

José Liberatti



dos céus amanhã. A Igreja também contribuiu, e muito, para a situação em que vive hoje a classe trabalhadora. Agora uma parte da Igreja quer se redimir aos olhos daqueles que prejudicou. Eu tenho lido algumas matérias da Pastoral Operária e não gostei, porque estão colocando o operário num nível baixo, ele aparece ali como um Zé Ninguém e eles como os bons. O que a Igreja não pode fazer é criar movimentos paralelos ao sindical. Ajuda, se fizer um bom trabalho de conscientização do trabalhador para que ele atue dentro do sindicato. Eu acho que frequentemente a Igreja se coloca na mesma posição dos radicais de 1968, mas o trabalhador não está preparado para radicalismos. Quanto aos intelectuais, acho que tem muita gente aí escrevendo sobre o que não entende. Quanto aos estudantes... Olha, eu vinha de minha casa outro dia e tinha uns estudantes andando de carrão pelas ruas e atirando folhetos a favor dos trabalhadores oprimidos. Eu não posso admitir que um cara daqueles esteja preocupado com a condição dos trabalhadores. Eu acho que eles serão os patrões de amanhã. Um dia vieram me convidar para fazer palestra na faculdade deles e eu disse que só iria se me permitissem levar um operário de mãos estouradas, macacão sujo de graxa e marmitta. A marmitta que a mulher preparou na véspera de ano novo do dia seguinte até a gema estava branca. Eu disse isso e o moço saiu berrando que eu era muito radical. Se eu fosse universitário me preocuparia com o mercado de trabalho que teria que enfrentar na hora de sair da faculdade..."

Em entrevista concedida ao jornal, **Em Tempo** (3 de julho de 78), ao ser perguntado sobre organização de operários e suas Comissões espaciais com toda nitidez

uma posição anarco-sindicalista em relação à tutela das direções dos sindicatos e às Comissões.

"Olha, existe um conceito assim sobre as Comissões, sabe. Eu não sou contra as Comissões, acho que elas devem existir. Mas veja: no sindicato a gente procura fazer toda a classe trabalhadora ser uma Comissão única. Porque "a partir do momento que você cria grupos de Comissões você terá colocado na prática grupos de trabalhadores a mercê dos nossos empresários para serem dispensados na hora que bem convier aos donos das empresas. Eu acredito que todo dirigente de sindicato tem consciência de quantos companheiros bons a gente perde por exigir que os nossos companheiros tenham uma atuação sindical dentro das empresas. Eu acho que problema não é responsabilizar um ou mais grupos de trabalhadores, o problema é responsabilizar toda a classe trabalhadora pelas conquistas dela. Eu acho que a partir do momento em que eu formar uma comissão de 5 trabalhadores pra agir dentro de uma determinada empresa, estarei colocando 5 companheiros com a corda no pescoço, em relação a perder seu emprego. Então, o que a gente tem feito e o que a gente discute hoje com outros dirigentes sindicais é o seguinte: nenhum diretor de sindicato deve assumir a responsabilidade de tutelar a classe trabalhadora. A classe trabalhadora deve ser dada a liberdade de agir e pensar. Cabe ao sindicato coordenar esse pensamento e a ação da classe trabalhadora".

Inácio da Silva começou muito cedo a se interessar pelos problemas sindicais em 1972 foi chamado para ser administrador do Sindicato dos Metalúrgicos, posteriormente, em 1975 assumiu o lugar de presidente. No programa de televisão Vox

Populi de 12/5/78, perguntado sobre qual a saída que via para um sindicato se tornar forte através de suas bases, respondeu:

"Uma das principais formas de libertação da classe trabalhadora é o trabalho de conscientização junto às bases, de tal maneira que o trabalhador tenha conhecimento dos seus direitos. O movimento sindical será independente quando houver consciência, quando o trabalhador participar do seu sindicato". Dentro da atual estrutura sindical, a CGT seria a criação de mais um cabide de empregos para os dirigentes sindicais de cúpula. Entretanto estou certo de que o destrelamento (dos sindicatos do governo) se dará quando a classe trabalhadora estiver preparada, inclusive, para tirar os dirigentes sindicais que não desejarem como tal".

Perguntado se o antigo PTB não teria a certa altura servido ao interesse dos trabalhadores (Isto É de 1/2/78) assim manifestou-se:

"A estrutura sindical foi criada dentro de um regime de exceção: o de Getúlio. Mas nos poucos momentos em que o País vive uma democracia formal, ninguém mexeu nessa estrutura. Eu ouço dizer que durante os governos de JK, Jânio Quadros e João Goulart houve democracia mas a situação da classe trabalhadora não mudou naquele período. Seu Franco Montoro foi Ministro do Trabalho, seu Tancredo Neves foi Ministro do Trabalho, e hoje estão aí dizendo que as coisas deveriam mudar mas não as mudaram quando tiveram a chance de mudá-las. E por que? Porque para "esse pessoal não interessa que o movimento sindical se organize. Quero dizer, nem PTB, nem PSD, nem PS, nem PCB, nem muito menos Arena e MDB deram passos concretos para mudar alguma coisa".

Inquirido sobre a ideologia que professa, respondeu:

"Eu digo de peito aberto que não tenho compromisso com ninguém e que o Sindicato de São Bernardo e Diadema é uma das poucas coisas independentes que existem nesta terra. Só tenho compromissos com os trabalhadores que me elegerem. No mais, a gente é chamado de dedo-duro pela oposição, de comunista pelo governo e de subversivo pelos patrões. É uma condição muito boa, porque a gente pode mandar pau em todo o mundo e ninguém pode falar "vou pegar o Lula porque ele assina Voz Operária. Nunca assinei a Voz Operária, mas já li: era um jornal que não dizia nada para mim, jornal para intelectual e não para conscientizar o povo".

O sociólogo Leôncio Martins Rodrigues, professor da Universidade de S. Paulo, em recente declarações ao Jornal do Brasil (13/8/78) identifica as posições do "Lula": rejeição do paternalismo, apolitismo, desconfiança quanto as soluções de Partidos e políticos, descentralização do movimento operário, resolução dos problemas operários pelos próprios operários, luta contra a estrutura fascista do sindicalismo brasileiro, autonomia, liberdade sindical, abolição do imposto sindical etc. como posição de matiz anarco-sindicalista.

Na realidade não sabemos o que pensa o Lula e que caminho tomará no futuro face aos problemas da classe operária e dos sindicatos estatais, entretanto ficam aqui registrados seus pensamentos para uma eventual confrontação.

Faca
Sua
Assinatura



Assine "O INIMIGO DO REI". Basta que você mande um cheque nominal ou vale postal em nome de Edmundo Trajano de Sento-Sé, no valor de Cr\$ 60,00.

Se você quiser receber sua assinatura grátis, tire três (3) xerox do cupon e passe a três amigos. Envie os cupons e os cheques no mesmo envelope e sua assinatura será nosso presente a você.

Ao Jornal
"O INIMIGO DO REI"
Caixa Postal: 2540
40.000 - Salvador - Bahia

Desejo receber uma assinatura anual de O INIMIGO DO REI, correspondente a seis edições bimensais.

NOME.....

ENDEREÇO.....

CEP..... CIDADE..... ESTADO.....

Antonio Carlos Pacheco



O enterro de Jan Palach, imolado em nome da liberdade.

PRIMAVERA DE PRAGA,



Cartaz de rua: 45 — libertação pelos russos; 68 — ocupação pelos russos.

DEZ ANOS SEM RESPOSTAS.

Agosto de 1978 foi o pior mês e o pior ano que o embaixador da Tchecoslováquia no Brasil encontrou em sua agenda para uma visita de propaganda ao Nordeste, passando por Salvador, onde enfrentou uma bateria de duras perguntas da Imprensa da Bahia e sucursais sobre o 10o. aniversário da Primavera de Praga.

Em entrevista na Associação Baiana de Imprensa, a primeira pergunta foi feita por um dos dois repórteres de O INIMIGO DO REI: "Como a Tchecoslováquia contribui para a corrida armamentista na Europa, ao participar do Pacto de Varsóvia, em confronto com a Otan, a similar ocidental?"

Não houve resposta, mas uma longa arenga propagandística, parcialmente publicada pelos jornais diários da Cidade e alguns do Sul, em que o embaixador apresentou o seu país como um verdadeiro paraíso terrestre: sem desemprego, sem inflação e com assistência médica e educação gratuitas para todos. Enfim Jiri falou, falou, mas não disse absolutamente nada.

Mas foi falando da presença cubana na Etiópia (ante a pergunta de uma jornalista do J.Ba., sobre os soviéticos na África), que o senhor embaixador tentou justificar que um país tem o direito de lançar mão de seus aliados para enfrentar um clima de desestabilização política interna. Ou seja, a Primavera de Praga foi justa.

— Como o atual governo checo enfrenta a situação dos dissidentes, entre eles os assinantes do movimento Carta 77 e se os ocidentais tem permissão para falar com alguns deles, como Alexander Dubcek?

Era a segunda pergunta de O INIMIGO DO REI a ficar sem resposta. Da mesma forma que sua Excelência tentou escapar pela tangente ao responder ao repórter de O Estado de São Paulo que só poderia se manifestar sobre a expulsão de jornalistas brasileiros da Tchecoslováquia após chegar a Brasília. Mas não esqueceu de falar dos 17 milhões de turistas que visitam seu país anualmente (dois milhões a mais do que a população), "sem serem incomodados"; é claro, desde quando não tentem entrevistar as figuras da Primavera de Praga, sobre quem nunca deixou de existir a vigilância policial.

Limitando-se a classificar os dissidentes de minoria das minorias, o senhor embaixador antecipou, trêmulo, o fim de sua entrevista, esforçando-se num evidente lance de humor negro a buscar as semelhanças existentes entre os brasileiros e os checos: ambos gostam de futebol.



Povo sentado num protesto mudo numa praça de Praga.



Jovem tcheco hasteia a bandeira nacional sobre um tanque soviético.

O processo de libertação do regime stalinista, imposto à Tchecoslováquia em 1948, se deu desde a segunda metade da década de 50. Quando da realização do XX Congresso do PCUS (1956), foram abertas brechas por onde os povos subjugados do Leste Europeu, podiam se esgueirar visando a uma democratização da vida social.

A maior tarefa que se apresentava para os países do bloco comunista, era justamente o de aumentar o controle operário sobre a sociedade. Isto porque, apesar de se terem feito "revoluções socialistas" para se entregar o poder aos operários, estes são os que menos deliberam num regime comunista. Como nos asseguram Alain Guillem e Yvon Bourdet em seu livro "Autogestão: uma mudança radical", a burocracia comunista reduziu os operários a uma nova condição de assalariados, repetindo o velho esquema capitalista, agora sob uma forma estatista burocratizada. A revolução proletária foi traída nestes países, deliberadamente.

A Tchecoslováquia, por ser dos mais industrializados países do mundo, sempre teve como tarefa ajudar os países comunistas menos desenvolvidos e mesmo os países do III Mundo com armas e outros suprimentos. Esta função da Tchecoslováquia, imposta pelos russos, levou os trabalhadores a um estado de penúria, pois fosse qual fosse o crescimento econômico anual, este crescimento não se refletia sobre o bem-estar das classes trabalhadoras. Os únicos beneficiados com isto eram os burocratas do Partido, que construíam suas residências de verão em Karlovy Vary ou seus chalés de inverno nas Altas Tatras.

Apesar de todas as dificuldades encontradas no aparato da burocracia stalinista, nem assim os trabalhadores se intimidavam e já em 1953 os operários de Pilsen saíram às ruas gritando em uníssono: "não nos deixaremos roubar". Isto porque a burocracia havia desvalorizado a moeda tcheca — coroa — lançando o proletariado na miséria.

Em 1956 foi a vez dos escritores que, reunidos em seu II Congresso, criticaram a proibição dos tchecos de viajarem ao exterior, só sendo isto permitido aos burocratas do PC; criticaram ainda a existência da censura à imprensa e às artes em geral e a proibição dos tchecoslovacos de terem contato com a imprensa ocidental só sendo isto feito pelos que eram "munidos do direito divino de uma função" no Partido.

Já os estudantes universitários tornavam público um Programa de Ação (uma cópia foi enviada ao Comitê Central), em que pediam liberdade de informação, reformas do ensino e que as autoridades tchecas deixassem de dar "acolhida beata e sem crítica de tudo que provinha da URSS".

No meio operário crescia o antagonismo entre a direção e o coletivo das empresas. Cada vez mais os trabalhadores se sentiam como assalariados, tendo casa, comida e emprego certo, todos com o mesmo patrão: o Estado. Faltava o estímulo para o aumento da produtividade. Como nos contam Guillem e Bourdet, o operário sentia que nenhuma melhora lhe ocorreria se fizesse mais e melhor. Dentro das empresas havia penetrado o espírito do funcionalismo público dos países ocidentais. E ainda mais, o Partido vinha com apelos ideológicos dizendo pertencer tudo aos trabalhadores e que por isto eles deveriam trabalhar mais. Mas estes apelos não funcionavam, a "propriedade coletiva" pro forma não despertava os trabalhadores de sua letargia.

Em 1966 no entanto o antagonismo chega ao seu clímax e nas fábricas começam a ser organizadas Conselhos Operários. Uma forma ainda embrionária da autogestão, uma vez que ainda não se contestava a autoridade da direção nas fábricas e sim, tinham como objetivo controlar esta direção através do voto e da removibilidade.



A liberdade e o canhão

A Primavera de Praga propriamente dita, tem seu início com o IV Congresso da União dos Escritores Tchecoslovacos. Ali, Ludvik Vaculik, um ex-sapateiro e agora um romancista, fazia um longuíssimo discurso em nome da intelectualidade do Partido (ele era membro do PC) criticando severamente os crimes cometidos pelo governo de Novotny (stalinista que durante quase duas décadas esteve no poder) e exigindo um comprometimento do Partido com os ideais de liberdade, que são ideais do socialismo.

O discurso de Vaculik foi o estopim da bomba. Quando da reunião plenária do Comitê Central em dezembro de 67 e janeiro de 68, os velhos líderes foram afastados e os liberais ascenderam às posições de comando no Partido: Alexander Dubcek (primeiro secretário) e Ludvik Svoboda (presidente da república).

Na primavera de 1968 os tchecos experimentam o fim da censura à imprensa, o direito de viagens ao exterior, a livre discussão dos, até então, dogmas partidários.

Os operários discutiam nas fábricas o problema da autogestão das fábricas e em julho de 68 já se contavam 800 mil operários que participavam ativamente do controle dos seus locais de trabalho.

Mas a onda de liberdade começaria a incomodar a União Soviética porque os tchecos demonstravam interesse em transformar radicalmente sua sociedade, dinamizá-la e diminuir o papel centralizador do Partido. Além do mais, no campo econômico os tchecos estavam firmemente decididos a deixar de fazerem o papel de fornecedores de capitais para outros países da órbita soviética, e dividirem entre si mesmos os sucessos do seu desenvolvimento. E o que a União Soviética não aceitaria: controle operário da sociedade; socialismo com liberdade; fuga de sua tutela político-econômica.

Na noite de 20 de agosto de 1968 as tropas russas, secundadas pelas da Alemanha Oriental, Polônia, Hungria e Bulgária (a Romênia, apesar de membro do Pacto de Varsóvia, se recusou a enviar tropas), iniciavam a ocupação do País, concretizada no dia 21.

Apesar do pedido do Comitê Central do PC, para que ninguém resistisse, os tchecos praticaram atos simbólicos de resistência. Sabotavam tanques parados nas ruas, pintavam outros com as cores nacionais tchecoslovacas, hasteavam a bandeira nacional depois de incendiarem alguns blindados. Nas praças de Praga, operários, estudantes e intelectuais permaneciam sentados e mudos com bandeiras de seu país nas mãos. Alguns casos mais dramáticos também ocorreram, como o do jovem Jan Palach que ateou fogo ao corpo em protesto contra a invasão russa.

Nas medidas de "normalização" da vida tcheca, nos meses que se seguiram à Invasão, se notou um dos principais alvos da fúria do urso soviético: os conselhos operários eleitos durante a primavera, foram, um a um, desmobilizados. A União Soviética não admite que a classe operária assuma diretamente o Governo de nenhum país, isto frustraria o seu esquema ideológico de "estágio de ditadura do proletariado". Os trabalhadores russos ainda "precisam" de seus guias salvadores, dos seus revolucionários profissionais, ou seja, de uma burocracia que se entulha de privilégios às custas do proletariado.

Já para os Estados Unidos, não poderia ser melhor o resultado da Invasão. Mataram dois coelhos com uma só cajadada. Tanto se livraram de um socialismo democrático, que faria desmoronar seus argumentos de que só há liberdade no capitalismo, portanto, que todos se aquietem. E ao mesmo tempo pode utilizar a ocupação soviética como pretexto para criticar o socialismo como um todo, se, esquecendo que há propostas libertárias e conseqüentes de socialismo e que a URSS não é socialista, e sim, um gigantesco campo de concentração comandado por uma burocracia estatista neo-capitalista.



A luta pela libertação

São passados dez anos desde quando os tanques soviéticos ultrapassaram as fronteiras da Tchecoslováquia e subjugaram Praga a 21 de agosto de 1968.

A imprensa burguesa ocidental, sempre atenta aos gestos treloucados da burocracia stalinista do Kremlin, tem neste tipo de acontecimento, um prato cheio para seus devaneios ideológicos. E quando agora se comemoram os dez anos da Invasão, o que se vê é que o discurso da direita continua cada vez mais vivo e dinâmico, e por isto mesmo mais perigoso. Utilizando-se de um crime cometido por um país pseudo-socialista (a URSS só foi socialista durante uns poucos meses de 1917/18), a burguesia ataca todas as propostas de esquerda em conjunto, como se se pudesse misturar uma proposta de socialismo autogestionário com a proposta reacionária do "socialismo" russo.

Ainda mais, devemos estar sempre atentos quando a imprensa ocidental, dita democrática, começa a atacar indiscriminadamente a Rússia, isto porque os ataques irremediavelmente são generalizados em direção às propostas mais libertárias de socialismo, ou seja, às propostas de socialismo realmente proletárias.

Que a burguesia tem o direito de descer o pau na Invasão promovida pela União Soviética, isto não se lhe pode negar, agora, o que não se pode é deixar que ela utilize isto para "ideologizar", construindo um sistema de raciocínio que leve a todos a acreditarem que só pode haver liberdade no modelo ocidental de sociedade capitalista.

E para que não se permita ao discurso político burguês crescer nestes instantes, é necessário uma severa vigilância das forças realmente progressistas em todas as partes do mundo. Denunciando-se ativamente não só o totalitarismo soviético, esclarecendo não haver na URSS socialismo, assim como denunciando-se a manobra da burguesia para se assenhorar dos anseios de liberdade de todos os povos do mundo.

O que há no entanto de mais importante para se ressaltar nos acontecimentos da Primavera de Praga, (isto a imprensa ocidental se esquece) é o fato de que os operários encetaram uma difícil luta contra a burocracia do PC tchecoslovaco, para terem seus direitos de direção da sociedade garantidos.

Para o povo Cordel, para nós Joyce

Ricardo Liper



O problema central do nosso século foi colocado pelas revoluções e movimentos socialistas.

A classe operária deveria assumir o controle dos meios de produção porque detinha o trabalho e possuía o poder de criar uma sociedade nova.

Entretanto, quando falamos em socialistas é preciso se fazer uma correção. Seria um engano se pensar que socialismo implica automaticamente, uma ideologia proletária. Existe um socialismo "pequeno" — burguês que coloca em cima dessa problemática central a necessidade de que, intelectuais oriundos da pequena burguesia, "orientem" a luta política e "eduquem" a classe operária. Logo, existe o pequeno-burguês que manda e é privilegiado e o operário, mais uma vez, oprimido por uma nova forma de capital: o saber.

Para a pequena burguesia o capital é o conhecimento. Essa classe o utiliza, para sua sobrevivência e numa revolução, como o fez historicamente a burguesia com o comércio, para atingir o poder e assim se transformar numa nova classe dominante.

A falência das experiências socialistas pequeno-burguesas até agora reside neste fato. Quem assumiu o controle dos meios de produção não foram os operários mas os "hábeis" intelectuais do partido comunista.

CULTURA POPULAR: SEM O POVO, PARA O POVO E PELO POVO

A cultura popular, ou o que se entende por ela, é um grande entrave para a manipulação do povo pelo intelectual.

Como a Igreja medieval, esta classe tenta monopolizar a cultura. Não só através das universidades, mas de todos os meios possíveis, tentam adquirir mais conhecimentos, capitalizando-os. O povo, é, em realidade, expropriado de suas potencialidades culturais que são apropriadas pela pequena burguesia e transformadas, por ela, na cultura /burguesa

O intelectual se distancia pelo fato de pertencer a uma classe cuja única finalidade é encher a cabeça de símbolos para criar seu capital. A maioria da população que é obrigada a trabalhar duro para sobreviver, fica sempre à margem desta cultura e a anos luz de distância do delírio do pequeno burguês, horas a fio debruçado nos alfarrábios, a procura de acumular mais conhecimento. Ele passa a ter uma cultura de elite, rebuscada, vanguardista e o resto é obrigado a permanecer na ignorância.

Em meio ao banquete, os capitalistas do saber desconfiam que para ser efetiva a sua capitalização, sua obra deve atingir o povo. Este mesmo povo escurado pelas universidades, pela linguagem hermética dos "vanguardistas" pelas elites que se distanciaram irremediavelmente.

Espantada, sem saber ao certo porque essa dialética pequena burguesia, descobre uma contradição.

Sua arte não é popular.

O povo, ao primeiro contacto, reage. Não gosta. Acha chato. Não consegue suportar as variações de tons sobre tons de um romance de "gênio" de um teatro por demais "louco", cheio de signos, que, só para quem capitalizou conhecimentos, têm algum significado. O povo não possui nem o capital nem o conhecimento capitalizado: não gosta.

A pior coisa do mundo é uma coisa chata.

Obra de gênio, mas chata...

Primeiro o intelectual se distancia ao capitalizar um conhecimento rebuscado, depois descobre que sem o povo ele fica sem platéia.

Estamos nos referindo aos intelectuais socializantes, "progressistas", que, embora filhos da pequena burguesia, acreditam que esposaram uma ideologia proletária criada por eles mesmos. Ora, a ideologia proletária nada tem a ver com esses intelectuais. É a luta selvagem pela sobrevivência diária. É a luta sindical e política dos operários. Algo muito concreto que tem adquirido muitas vezes uma verdadeira feição libertária e crítica em relação a esses mesmos intelectuais.

Mas, esses nossos personagens, depois de adquirirem o poder através do conhecimento o querem exercer em cima do proletariado.

Aparentemente, parece que a ideologia proletária adquiriu forma universitária com a pequena burguesia. Mas, a incompatibilidade de gênios é profunda e o divórcio ou o patriarcalismo cultural não tardam a aparecer. O intelectual pode tudo, menos livrar-se da essência de sua classe que é adquirir conhecimentos e, através dele, capital ou poder.

Portanto, é fundamental a questão de poder para ele. Afirma, peremptoriamente, a perplexos operários, que eles por si só não possuem a consciência de classe. É necessário que o intelectual DIRIJA O movimento operário e FORME de fora para dentro essa consciência.

Aí está a "jogada".

SOLUÇÃO DO ARTISTA: DEMAGOGIA

Diante dessa situação, os artistas sentiram o maior impacto.

Existem artes que dependem do público. Uma peça de teatro ou um filme, por exemplo, não ocorrem sem público. É horrível encenar-se um espetáculo só para os colegas de profissão enquanto a plebe berra e grita atrás de um trio elétrico.

O intelectual com tanta coisa a dizer e o povão "rude" só consumindo o vulgar e de "baixo nível".

É comum choramingarem pelos bares que seu filme está na prateleira ou só quem o assistiu foi a própria mãe e os irmãos. Que o povo é ignorante e alienado.

Não é, entretanto, de bom-tom, falar-se do povo como um aristocratazinho qualquer faria porque afinal de contas é esse povo o "aliado" na transformação final da sociedade. Os mais hábeis tentam uma explicação: é o processo de alienação resultado do imperialismo cultural. O povo não tem culpa. É alienado porque é dominado. Por isso é ignorante e sendo ignorante não pode perceber os miasmas de saber da obra dos nossos "gênios". Querem dizer em resumo: o povo é alienado e burro e o intelectual é consciente, logo deve dirigir o processo social.

O fato é que o povão lota os cinemas populares para consumir toda sorte de filmes que vão desde as produções mais modestas até mesmo algumas obras de maior envergadura.

O intelectual fica louco para explicar.

Porque o povão despreza suas diatribas e aceita várias obras que, segundo ele, não possuem valor nenhum?

O rapazinho não entende uma coisa primária: ele disparou para o espaço ao intelectualizar demais sua arte sem acompanhar o grau de desenvolvimento cultural de seu povo e portanto partiu o elo de comunicação.

Criou uma linguagem que nada tem a ver com o estágio de evolução da percepção do trabalhador e assim o deixou entregue a si mesmo ou a experientes comerciantes que manipulam a arte de entreter. Não é que o povo prefira o pior. Apenas o artista pequeno burguês não lhe ofereceu opção. FALHOU. Fez uma arte para si. Para sua classe.

Arte popular é aquela que acompanha a evolução cultural do povo no momento em que são criadas, as suas condições econômicas de consumo e, através de um contacto profundo, desperta a consciência popular ou discute os problemas centrais dessa consciência. O resto é pura demagogia.

Não adianta botar o sobrenome popular.

Sem querer ver o fato de que está em Plutão enquanto o povo está na terra, o artista tenta solucionar o problema à sua maneira.

Uma dessas soluções, a mais banal, diga-se de passagem, é acreditar que o povo não gosta de teatro porque não vê teatro. Leva-se então o teatro ao povo. Faz-se teatro na praça pública ou em bairros. Com peças que o povo "possa" gostar. As pessoas perplexas vêm todas aquelas palhaçadas e vão para casa certas de que nunca devem ir ao teatro.

O povo não vai ao teatro, em primeiro lugar, porque é caríssimo, inflacionado pelos artistas e especuladores que existem mesmo nas mais engajadas das criaturas. No estágio de subdesenvolvimento em que vivemos o teatro não pode ser um meio de vida para o pequeno burguês e o artista tem que enfrentar isso. Não é falta de educação que afasta o povo do teatro; é falta de dinheiro mesmo.

Por exemplo, na Bahia, vai-se ao Pax, cinema poeira, que é a única casa de espetáculo popular que existe. Paga-se menos de Cr\$ 20 e se assiste a dois filmes. Se for estudante paga-se menos de Cr\$ 10, pelo mesmo espetáculo e todos os dias têm meias entradas, inclusive domingo...

Em segundo lugar, o povo não vai ao teatro por dificuldade de transporte e, finalmente, por achá-lo muito chato, o que é verdade. Existem peças escritas em Plutão que aqui na terra se tornam monótonas.

Quando se leva o teatro ao povo, não se está levando nada. Está se gozando o povo. Aquilo que se faz na praça não é teatro, ou melhor, é o teatro que o povo pode ter. O espetáculo mais cuidado, com mais recursos, fica para a classe pagante que ocupa e possui, porque pode pagar o ingresso, as melhores casas de espetáculos.

Para um autêntico teatro popular ocorrer, o povo deveria ocupar os teatros.

Sentar a bunda magra na poltrona alcochoada.

Assistir ao espetáculo no teatro porque é assim que a sociedade em que vivemos se comporta. Quando ele for feito na rua para todos, aí sim, o teatro de rua será popular. Mas ou o povo vai para dentro deles ou qualquer outra forma de solução passa a ser demagogia e nada mais do que isso. O que ocorre é a cadeira alcochoada para mim, pequeno burguês intelectual, e a praça para ele.

Não existe peça popular e peça para intelectual. Existem obras que falam uma linguagem terrena e estão em acordo com o estágio cultural do povo, e, portanto, têm o respaldo popular e as que são fruto das colites mentais de bizzaros intelectuais. Um exemplo disso é Shakespeare. Exibam "Romeu e Julieta" — vide Zefirelli — ninguém achará chato. O povão participa e gosta.

CASA DE TAIPA É ARQUITETURA POPULAR ?

Outro delírio desses "sábios" da comunicação é acreditar que a verdade está na cultura popular. O povo, expropriado, impedido de estudar pelas horas de trabalho forçado, faz a sua cultura. Tem seus cordéis, suas músicas, seu folclore. Que têm valor sociológico como um testemunho vivo de sua capacidade de criar mesmo sem os instrumentos necessários que o homem já conhece hoje.

Agora, mergulhar-se nessas obras e daí extrair a arte popular é driblar o povo.

O que alguns fazem é pesquisar o que o povo cria e recriam para o próprio povo, acreditando que ele virá ver a si mesmo, travestido de cultura pelo intelectual.

A cultura popular é resultado da opressão. É a única que permite o povo fazer. O nordestino escreve Cordel porque não lhe permitiram fazer outra coisa. É espantoso que ele tenha tanta inventividade, mas é só espantoso.

Quando isso é apropriado pelo pequeno-burguês, no sentido de resolver a contradição de sua arte ser impopular, passa a ser a aceitação da confirmação da opressão: para o povo cordel, para nós Joyce.

O nordestino habita casa de taipa; chão batido, sem sanitários, tudo precário. O barraco do nordestino é a arquitetura popular? Deve ser louvado? É revolucionário? É o que o povo quer e deseja? Será que esse povo "alienado" só quer mesmo morar em barraco de taipa? Será que o povo só quer mesmo o Cordel? A mudança social é para dar barracos de taipa para todos?

O papel do intelectual é resolver a contradição nele para poder então atingir o povo.

É tentar encontrar a linguagem e as condições de se fazer espetáculos e arte que atinjam a maioria. Para poder, então, disputar com os comerciantes do entretenimento os meios que dispõem de falar e serem ouvidos. Cabe ao artista falar mais seriamente, profundamente, para criar uma nova cultura. Tentar sair da mentalidade pequeno-burguesa que cria uma cultura distanciada dos trabalhadores, embora, vez por outra, baseada neles ou no resultado de sua opressão.

Para se fazer uma autêntica cultura popular tem-se de se democratizar os centros culturais e isso só ocorre com uma radical política de preços baixos. Deve-se democratizar os horários no caso de teatro e, fundamentalmente, saber comunicar sem chatear. Em um primeiro estágio, têm-se de usar os mesmos meios, os mesmos truques, que os comerciantes da diversão. Deve-se acompanhar, isto é, essencial, o estágio de desenvolvimento cultural do povo. Umbu Hitchcock, por exemplo, não é a mesma coisa que uma pornografia chanchada. O povo consome os dois. É obrigado a gostar do segundo porque não tem opção. Os intelectuais não têm nada a dizer. Vivem noutro mundo, noutro tempo.

Por que Chaplin é tão bem aceito?

Foi um artista popular. Criou um diálogo com o povo. Uniu-se a ele e com ele cresceu, falou, disse o que queria, melhorou, democratizou a cultura.

Entretanto, quando o povo passa a falar a mesma linguagem da sua arte, aí sim, pode-se, com ele, crescer culturalmente.

O problema da arte popular é um problema de classe social. Não se limita só à estética e as soluções são sociais.

Deve-se lutar, sim, por exemplo, por um mercado para os filmes nacionais. Mas é lamentável utilizar-se da violência, valendo-se das leis arbitrárias, da opressão, da polícia para obrigar a só exibirem filmes chatos que nada significam porque são irremediavelmente comprometidos com uma visão pequeno burguesa do mundo, mesmo que, socializante, à primeira vista. Há aí uma contradição, sejam quais forem as explicações dialéticas que derem. Se queremos democracia na política não podemos querer estatismo e ditadura no cinema nacional.

Obrigar a exibir filmes deveria ser o último dos recursos. Valer-se de um governo forte para isto, sejam quais forem os argumentos, é oportunismo desvaído.

Xingar o povo de ignorante é desespero. Transformar casa de taipa e cordel em ideal cultural é oprimir e debochar. Tem de se aprender a falar com o povo na época dele, nas suas condições, e democratizar o saber. Descentralizar a cultura. Acabar com o reinado cultural de papas, condes e barões da intelectualidade. Fazer, fora das universidades, uma cultura mais sólida e mais séria. Com o povão. Discutindo, palestrando, fazendo um teatro vigoroso e não, como ocorre, deixar tudo nas mãos dos comerciantes nacionais e estrangeiros, que, como descobriram um meio de se comunicarem, alienam. Os intelectuais populistas e "progressistas" são imperdoáveis porque, desvaídos, cegos de vaidade e cobiça, não ofereceram uma opção ao produto comercial.

O povo vê pornochanchada porque é obrigado, assiste novela porque não tem opção e o comerciante ganha dinheiro.

Impotente diante de si mesmo, o artista pequeno-burguês corre para o poder do rei a procura de consolo e sonha com um estado onde a polícia obrigará o povo a engolir seus espasmos criativos.

Paternalisticamente o poder abriga esses intelectuais, vez por outra, porque percebeu que o que eles dizem é num grau tal de incomunicabilidade que passa a ser inofensivo. A censura só é severa com as obras que o povo livremente teria curiosidade de ver.

O que só os iniciados entendem pode até ser patrocinado pelo poder público. Afinal de contas manteria essa facção social que se julga revolucionária, ocupada...

Até o último pedaço de terra onde chegar meu cantar

Para todos que estão sentados num lar, para todos que têm uma casa longe da perseguição policial, tranquilos com suas famílias, CANTO DOCEMENTE.

Para aqueles que andam angustiadamente de um lugar para outro tentando levar a todos a compreensão do mundo, CANTO SUAVEMENTE.

Para todos que são inocentes e estão dormindo, CANTO PARA DESPERTÁ-LOS.

Para aqueles que se levantam antes do sol nascer para trabalhar nos campos ou nas fábricas, CANTO COM HUMILDADE.

Para aqueles que estão enterrados nas profundidades terríveis das prisões, CANTO EM VOZ ALTA, para que me ouçam através do ladrilho ou do ferro.

Para todos os que se recusam a cumprir ordens de atirar em irmãos, CANTO COM OS OLHOS e com o coração revigorado de esperanças.

Para todos os que dão ordens de atirar em irmãos, choro. No dia em que aprenderem a não dar mais essas ordens desumanas e terríveis, sei que CANTARÃO.

Para todos que foram às montanhas e nunca mais voltaram, CANTO E CHORO.

Enquanto estiverem jogando crianças nas ruas, na maior miséria, transformando-os em criminosos CANTAREI, CHORAREI E GARGALHAREI.

Este é um poema da ativista e cantora Joan Baez, escrito em 1974 e sabotado em todo mundo, particularmente na América do Sul. Para romper essa barreira de silêncio, divulgue-o!



O bobo da corte é o único inimigo que pode fazer o rei morrer de rir.

Abertura é uma palavra entre o buraco na fechadura e a chave na minha mão. Ficar por dentro do lado de fora fora de dentro é que está a prisão. É enquanto a loucura não passa eu vou passando a brincar com a razão.

Risco e poema toda vez que a poesia se arrisca a cair no precipício da literatura

Segure a barra do encontro, que eu seguro a barra da espera. E espero que você me encontre numa nova era.

roberto vieira machado



A MORTE DA SAGRADA FAMÍLIA

Para Ana Maria Taborda

somos todos órfãos no exato momento do orgasmo no triste momento em que o plasma sanguíneo da existência se desata, explode e se alastra em paz olha só, a febre do contágio... alegre-te, Édipo, e aquece bem a agulha com que hás de furar os teus olhos tua mãe, tua filha e teu pai estão todos mortos dorme, Édipo, meu filho e esquece só tarde, muito tarde descobriste que viver é subverter a ordem natural das coisas...

Chico Beijos

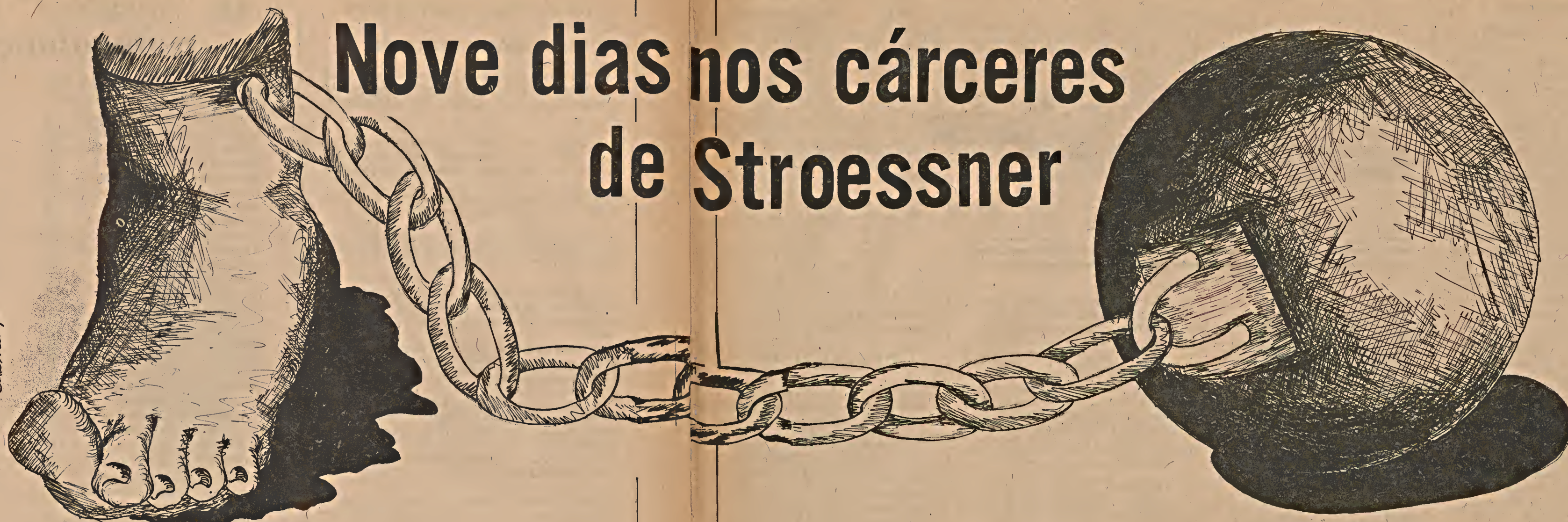
Os 'mestres' e os obstáculos à imaginação criadora

Carlos Rodrigues

A preconização do acervo das obras monumentais de todos os países é regida por uma conduta de círculo vicioso. Prestam-se colaborações honrosas a quase todos os vinculados e passados "mestres". Considera-se o fato de ter existido ou de existir um "mestre", para poder colocar um grande obstáculo e o limite na evolução criadora. É sabido que a palavra "mestre" simboliza o "sábio" de todas as dificuldades encontradas na conduta técnica. Não por menos, apesar dos dadaístas terem excluído do seu pensamento o preconceito quanto ao "mestre", chega-se conclusão de que todo o trabalho consciente e transformador do movimento dadá, hoje, sente-se aprisionado num conceito esmagador de aprendiz. Isto, porém, não é culpado ao artista por não saber satisfazer a burguesia. como também, ainda hoje, sendo dadaístas em alguns aspectos, os artistas se deixam pressionar pelas mãos das multinacionais, mãos que manipulam e fazem deixar o que deve ser visto e o que deve ser comerciável — bom para o País —, impedindo que o real apareça aos olhos alheios. A capa que forma esta cúpula, esta visão caótica em que muitas vezes há transparências, sente-se autônoma e pressuposta da liberdade de pensar. Considera-se importante fazer algo novo, algo que revolucione os preceitos existentes. A destruição causa revolta, fazendo o "povo-artista" sair às ruas em sinal de protesto. Protestar é consideravelmente válido, porém, não o mais importante. Se, em vez de protesto, solidificar as bases, achará maior potencial para derrubar o poder dominante. "Os burgueses consideram o dadaísta um monstro dissoluto, um canalha revolucionário, um bárbaro asiático, conspirando contra suas companhias, suas contas bancárias, seu código de honra. O dadaísta engendrou armadilhas para tirar o sono dos burgueses... O dadaísta transmitiu ao burguês sentimentos de confusão e de um estrondo formidável, se bem que distante, que faz as campanhas dele zumbirem, seus cofres franzirem a testa e seu código de honra se reduzir a pontinhos" (A Garrafa Umbilical, por Hans Arp). A forma de libertação dadá foi precisamente a revolta interior causada pelos destroços que a primeira guerra mundial deixou. Adquirindo conhecimento da manipulação estatal, rejeitam as formas existentes para transpor o efector livre de criação. Não está distante de percepção, ainda hoje, a manipulação estatal, seu jogo de interesse pelo o que é mais conveniente ao fortalecimento culto do País. Para tanto, seria necessário adotar um critério de impressão autogestionária, para daí então poder estabelecer uma

vontade inata de sensações não condicionadas. A consciência de elementos necessários para uma rebeldia externa, fecundará aos poucos a libertação. Não pode caber ao artista o fardo de imprimir no seu estado um condicionamento repressivo, ele por si só é livre — todo ser tem direito a libedades reais — por que então condicionar a sua liberdade de criação às manipulações estatais? O Estado rege, aprisiona todo comportamento do indivíduo na sociedade e projeta aqueles que mais lhe convier aos seus interesses por outro lado, destrói toda forma do real, de respeito humano e satisfação prolífera. Hoje, consideravelmente, o número de artistas que aprisiona-se ao culto da burguesia é bastante elevado, e para contabilizar esta estatística a minoria pertence à classe dos marginais, aprendizes, incultos e amadores. Seria válido acrescentar que esta minoria, em relação, pode ser classificada como maioria, então, por que não formar sólidas bases, desde agora, para utilizar este potencial? O critério de seleção usado para dirimir "melhores" ao "vrú" da glória, já é coisa arcaica, sem razão de ser. Percebendo esta "jogada", o artista consciente da sua libedade de ação deixará de satisfazer ao interesse seletivo. Controlado por toda burguesia, o "povo-artista", sem ter realmente o contexto exato do que ocorre por trás dos bastidores, são dirigidos ao fortalecimento estatal, atingindo o seu único objetivo — equilíbrio constante do poder —. Esta faceta decorre desde em que o "ambicioso" tomou consciência de que as criaturas são manipuláveis. Por isso mesmo, quando os dadaístas observaram a incoerência existente em torno de tudo e de todos, reagiram, talvez por isso, chamados, na época, de loucos, incongruentes e desastrosos, a favor da liberdade. Outro fator importante para poder suprir todas as eventualidades existentes neste contexto, seria, como anteriormente citado, o protesto. Mas, para tanto, precisaria que as classes levantassem suas forças, para lutar conscientemente pelo objetivo momentâneo até regularizar "este sistema". Necessitaria descentralizar este "jogo", para as mãos do mais proletarizado povo possível, até chegar a uma opção autogestionária. Esta seria a forma mais livre de expressar as necessidades de um coletivo. Resta acrescentar que o movimento dadá era, antes de mais nada, composto de toda categoria humana, seja ela: poeta, escritor, filósofo, pintor, escultor etc. Portanto, a revolta deve se dar por "massa" consciente do sistema. O levante de todos fará com que supra posteriormente os condicionamentos impostos pelo estado.

inicialmente ele foi detido sob a alegação de não possuir visto de entrada no País. Posteriormente foi apresentado como membro de uma quadrilha de ladrões de automóveis e finalmente passou 9 dias preso nos calabouços do Paraguai. Tudo isso aconteceu a um estudante gaúcho que resolveu aproveitar as férias de julho para conhecer o País do General Stroessner. Aqui esse estudante conta sua peregrinação de dez dias e a forma arbitrária e absurda como foi preso e solto sem nenhuma explicação, sem nenhum comunicado a embaixada brasileira em Assunção.



P — Como te prenderam?

R — Tinha um cara fardado na porta de um prédio antigo, numa esquina em frente a uma praça... tinha uma igreja nessa praça e estavam velando um cara, o velório era na própria igreja. Tava lá o morto no caixão. Atravessi a praça, depois de dar uma olhada e fiquei observando os prédios antigos. Toda cidade é antiga.

P — Que cidade era essa?

R — Se chama Villeta. Fica próximo a Assunção, a uns 40 quilômetros. Como cheguei de madrugada, passei a noite. De manhã resolvi conhecer a cidade. Bom, daí o cara fardado e com estrelas nos ombros fez assim pra mim (imita o gesto com a mão), me chamando. Tinha um oficial do lado dele e um "soldadito" estava fazendo a ronda na frente do prédio. Então me mandaram colocar minhas bagagens num tipo de "hall" de entrada e pediram documentos. Mostrei tudo, não tinha nada errado. Então pediram meu visto de imigração. Eu não tinha o visto de imigração.

P — Por que não tinha o visto?

R — Bom, eu tinha entrado pela Argentina. Lá eles anotaram o número da minha cédula de identidade, certificado de vacinas, etc. Ao entrar no Paraguai, por Encarnación, no posto da aduana Paraguai não anotaram nada. Só pediram minha carteira de identidade. Expliquei isso pros caras, mas eles não tinham nem como comprovar já que não tinha ficado nada anotado em Encarnación. Então os policiais passaram a me revistar e a revistar a bagagem. Não acharam nada. Mandaram eu esperar e foram se reunir em uma salinha. Depois de uma meia hora voltaram e pediram para que eu os acompanhasse. Fui dar numa espécie de pátio interno, junto com um dos oficiais. No pátio haviam muitos soldaditos e notei depois que eles estavam limpando uma peça com uma porta de grades que usavam para guardar lenha. Eu senti que era ali que iam me botar. Não tinham dito nada, mas pra bom entender... Lá pelas tantas vem o oficial que me levou até ali e chama um soldadito... soldadito é o raso, o cara que está prestando serviço militar. E le deve ter dito pro soldadito esse buscar jornal. Falou em guarani, eu não pude entender. Mas acho que era isso, porque porque o cara voltou com o jornal. O oficial, então, começou a ler do meu lado, nós sentados num muro a uns três metros da cela. Daí ele mostra que no dia anterior tinham prendido uns bailarinos tahitianos. Esses bailarinos tinham estado em uma boate em Assunção lá a uma hora fecha tudo que é casa noturna, bar, etc. Ou seja, uma hora no fim de semana. Dia normal fecham às onze da noite. Então esses bailarinos se envolveram em uma briga numa das boates de Assunção. Eram cinco ou seis caras. Daí o oficial

mostrou e disse: — Você está preso, por isso. Perguntei se eles estavam achando que eu era um dos tahitianos e disseram que sim, que os caras tinham fugido, algo assim. Depois fiquei sabendo que os bailarinos haviam sido absolvidos e não tinham havido nenhum caso de fuga. Isso foi algum tempo depois, quando li um jornal de alguns dias atrás, pois jornal do dia a gente não podia ler. Bem daí o oficial me mostrou o jornal e saiu com ele na mão pra dentro do calabouço. E me chamou pra ler o jornal. Então eu reclamei e disse que queria falar com o oficial comandante ou alguma coisa assim. Então veio um soldado com um fuzil e me empurrou pra dentro da cela. Fiquei lá o dia inteiro. Que dia longo... Um calor de matar.

P — Isso era de manhã, certo?

R — Exato. Fiquei preso até o fim da tarde. Duas horas depois me deram um almoço com aparência duvidosa, mas a essa altura eu já estava até sem fome.

P — O que era a comida deles?

R — Era uma sopa, mas eu só consegui reconhecer o osso, o resto não consegui identificar. Pelas seis e meia apareceu um oficial junto com um soldadito e me tirou da cela. Eles só falavam guarani e apesar de eu perguntar aonde iam me levar não responderam. Bom, eles nem tinham viatura na cidade, tiveram de pegar um ônibus de linha pra me levar até a capital. Com uma escolta de dois homens fui levado até a Central de Polícia de Assunção. Ali fiquei dois dias presos em uma cela com outros caras, uns seis ou sete, não lembro direito. A escolta que me levou até lá entregou uma carta que começava mais ou menos assim: "Ilustríssimo Senhor Dom Daniel Coronel, tenho a grande honra de enviar o detido...". Aí tomaram meu depoimento e foi quando eu soube do lance de roubo de carros. O cara que estava tomando meu depoimento saiu da sala, chamaram ele, alguma coisa assim... então eu vi a carta que tinham mandado de Villeta em que eles diziam que eu estaria implicado com uma quadrilha de ladrões de automóveis. Quando

o cara voltou pra sala perguntei que história era aquela. Daí ele disse, "não, o que vai valer é o teu depoimento, isso aí não importa". Me levaram pro calabouço no prédio da Central de Polícia.

P — Como era este calabouço?

R — Bom, tinha uma porta de ferro, de grade, depois passando esta porta tinha um corredor e duas celas justapostas. Tinha essa que eu fiquei com mais uns seis ou sete caras e uma defronte onde tinha um cara sozinho. Fiquei sabendo depois que ele estava preso ali há desesseis anos, e sua pena era de vinte e cinco anos. Então o cara, já tava meio pirado, não recebia visitas, já falava sozinho.

P — E como eram as condições nessa prisão?

R — O calabouço tinha um banheiro com chuveiro, quer dizer, eram um cano na parede. Tinha pia e sanitário. Tinha ainda certas regalias. Principalmente os outros presos que já estavam lá há mais tempo. Tinha um bom relacionamento com os carcereiros, então se a gente tivesse dinheiro podia descolar cigarros, leite, pão, jornal

e até papel pra escrever. Inclusive tinha um cara que ia ser solto e eu pude dar meu endereço com um pedaço de uma carta pra ele largar no correio. Acho que ele não enviou a carta, ou tiraram dele, ou sei lá, talvez ele tenha ido pra outra prisão. Isso por que todos que saíam de lá diziam que estavam soltos, como aconteceu comigo. Quando saí disseram que ia ser solto e terminei sendo levado pro Departamento de Ordem Política.

P — Como foi essa história? Te levaram para uma terceira prisão?

R — Me soltaram e eu pensei que ia sair livre. Aconteceu que eu e mais 2 argentinos fomos levados pra outro prédio defronte ao que a gente estava antes. Fomos nós três e dois oficiais. Esses oficiais estavam armados mas com a arma escondida. Quem olhava não notava que eles usavam armas.

P — Vocês estavam passeando pra todos efeitos...

R — É, mais ou menos isso, era a impressão que dava. Mais atrás vinha um outro investigador,

à paisana. Eu achei que tava livre mesmo. Pensei: "Vai ver a gente vai pegar alguma papitada". Daí entramos numa fila nesse outro prédio que fica numa quadra da Central de Polícia. Um baía prédio, quarteirão inteiro, uns três andares. Logo na entrada revistaram toda nossa bagagem, nos revistaram. Aí de cara já pegaram nossas impressões digitais. Bom eu tremi de novo. Pegaram os dez dedos. Depois mandaram passar e quando eu olho pra cima eu vi as celas. Não eram celas com porta de grade que nem a outra prisão, eram portas inteiriças de metal, com uma janelinha pequena e uns cadeados enormes. Então nos disseram "Sobe aí" e o oficial falou pra um dos guardas que eram novos "detenidos". Subi por onde eles mandaram e lá em cima fiquei num "hall" em frente aos calabouços onde estavam os outros com seus pertences. Já tinha uns tres detidos. Desses três tinha um que era o capataz. Ele respondia pelo que os outros fizessem, ou seja, se algum fugisse ele é que ia pagar o pato. Me lembro também que uma vez apareceu um jornal daquele dia mesmo, o jornal "Hoy". Foi esse capataz que conseguiu pois tinha amizade com um dos investigadores. Era um jornal do tamanho da Folha da Tarde (N.R. — Jornal tablóide) bem impresso, colorido. Aí deu um baía rolo. Eu estava lendo o jornal quando passou um oficial e viu. O cara fardado, com uma espada, estrelas, me chamou e eu me fiz de desentendido. Ele falava espanhol comigo e eu fingia que não entendia. Perguntou de quem era o jornal, como tinha aparecido, de que dia era. Quando ficou sabendo que era do dia teve um ataque. Chamou todos e disse que "los detenidos políticos" não podiam ler jornal do dia, não podiam ficar a par da política. E ali não se podia ter acesso a nada, coisas como caneta, papel.

P — Tu estavas sozinho na cela?

R — Como já falei eu ficava com outros.

Nove dias nos cárceres de Stroessner

Nosso calabouço tinha quatro camas, ou seja, quatro legas assim engastadas na parede.

P — Como era o cotidiano na prisão?

R — A gente acordava as quatro e meia da manhã, podíamos sair, ir ao banheiro, se lavar e começar a trabalhar. Acordando a esta hora sentíamos muito sono durante o dia, mas eles não te deixavam dormir. Se pegavam alguém cochilando mandavam fazer exercícios até cair ou então botavam cara de cabeça pra baixo... A gente ficava sob tensão, pensando em não dormir. Pelas oito da noite, depois da janta, a gente tinha de pegar as trouxas e nos trancavam no calabouço para dormir. Uma noite, pelas nove horas ouvi barulho na porta da cela. Estavam abrindo. Então a gente fica um pouco paranóico. Com um mínimo barulho na fechadura eu pulava. Daí abriam a porta e jogaram um cara pra dentro da cela. Era um argentino, bem vestido e tal. Não tinha cama pra ele, ficou por ali e acabou dormindo no chão. Esse argentino trabalhou na embaixada da Argentina no Paraguai. Ele foi acusado de dar voltas na casa do Governo.

P — Dar voltas?

R — É, dar voltas, circular em frente à sede do Governo. Um guarda viu o cara mais de uma vez próximo à casa do Governo.

P — Afinal, quem eram seus companheiros de cela?

R — Tinha o capataz que era um camponês que num dia de porre disse que queria matar o Stroessner, tinha o cara que tinha delatado ele, um paraguaio que trabalhava na Argentina... Esse paraguaio foi preso na Argentina, ficou dois meses em cana e soltaram, aí no Paraguai prenderam de novo. Tinha também um argentino

juntador de ferro velho, o outro argentino que era filho de mãe paraguaia e finalmente mais esse argentino que o pai trabalhava na embaixada da Argentina em Roma.

P — Não havia outros presos?

R — Olha, não fiquei sabendo porque razão no dia em que nós chegamos lá não dormimos no

calabouço e sim no chão do cassino dos oficiais. Os calabouços estavam ocupados, tinha um preso apenas em cada uma das duas celas. Esses dois, quando eu entrei, quando pegaram minhas impressões digitais, eles estavam na parte de baixo do prédio, num canto. Ficavam ali em pé das quatro e meia, quando levantavam, até às oito horas da noite na hora de dormir. Não podiam sentar, ir ao banheiro ou falar com qualquer pessoa. A única coisa que fiquei sabendo desses caras, no dia em que cheguei, foi que eles tinham vindo de Emboscada, uma cidade Paraguai onde existe um cárcere. Lá é o maior presidio de presos políticos. Bom, nessa primeira noite no Cassino dos Oficiais a gente foi acordado. Então os "veteranos" em um segundo estavam de pé. Eu acordei devagarinho... Daí o soldado fez discurso. Desconfeitei e me dei conta que a coisa era

comigo. Então ele dizia: "Ustedes son unos insensibles, como pueden reclamar de los derechos humanos se son unos insensibles. Tienen de ser arriscos, arriscos como um caballo..." e por aí a fora. E terminou o discurso mandando sentar, sentei, ele mandou levantar de novo. Eu levantei. Mandou sentar de novo, eu eu sempre me atrasando pra cumprir as ordens do cara. Então ele me chamou lá na frente. Daí repetiu que eu tinha de ser "arisco" e falou que "no meu tempo de escola de Polícia eu aprendi a ser assim", e mandou estender a mão. Eu dei a mão e ele bateu com um cabo de vassoura. Escondi a mão e fiquei encarando ele. Fiquei com raiva, mas o que eu podia fazer. Levaram-nos para cima, deixamos as bagagens e começamos a limpeza dos prédios. Até oito e meia a gente limpava, depois vinha o jejum, a gente descansava até a hora do almoço e de tarde a gente limpava de novo.

P — Essa coisa de senta-levanta era todo dia?

R — Não, isso dependia do guarda, do cara que tivesse de ronda no dia. Que todo dia trocava a guarda. Tinha uns até camaradas. Mas um oficial Pô, não era fácil. Quando ele chegou para conhecer os novos presos foi apertando a mão da gente, cumprimentando e tal. Até pensou que era legal esse, aquele coisa, o cara veio cumprimentar a gente. Mas depois vi a dupla face do cara: todo dia a gente descia a escada que levava ao andar térreo pra trabalhar, e esse cara ficava lá na descida com um porrete de fio de aço trancado. Então ele dava com aquele troço nas costas da gente. Mas dava cada paulada que a gente sentia sugar o sangue. E dava por dar, sem motivo. O que mais apanhou foi o argentino aquele de Mar del Plata. Ele andou invocando a cara do oficial desse do cabo de aço e levou uma série de pauladas. Daí ele saiu, o argentino, saiu puto da cara, e eu fui falar com ele perguntar se ele estava muito machucado. Então ele disse: "No, yo tengo cartones"... Então vi que ele era prevenido; botava uns pedaços de papelão e cartolina por baixo das roupas, já pra evitar de se machucar.

P — De onde vocês conseguiram esses papelões?

R — Ah. A gente pegava no lixo, tinha umas caixas de comida de papelão.

P — Quais as condições de higiene?

R — No calabouço do Departamento de Ordem Política não havia privadas. Em caso de necessidade o negócio era usar umas latrinhas de leite em pó. Leite Ninho, por sinal. Vinham pratos de comida pra todos, mas não talheres. Esta é outra passagem que eu esqueci: na prisão Central de Polícia eles davam apenas um prato de comida, para todos os seis ou sete caras que estavam lá. No Departamento de Ordem Política apareceram mais colheres depois que os caras reclamaram. E nós estávamos desconfiados que o argentino de Mar del Plata estivesse com alguma doença de pulmão, tuberculose, algo assim. O cara vivia cuspidando e tossindo. Se agitava a noite inteira. Daí o capataz falou em guarani com o oficial e resolveram dar mais talheres.

P — Médico não havia?

R — Nem sinal. Chegaram a dizer que iam

trazer médico, mas não pintou nenhum. Bom, mas no sétimo dia aí eles tiraram fotografia, então quando tiram fotografia, é sinal que vão te soltar. Foi assim que tinha acontecido com os outros estrangeiros que estavam lá. Mas neste meio tempo, na última em que eu estava lá, durante a noite chegou um cara preso. O cara era paraguaio e estava trabalhando na Argentina, a maioria dos presos políticos que estavam lá eram estrangeiros, ou paraguaios que estavam morando no exterior, mas políticos mesmo, não tinha nenhum. Era só o nome. Então este paraguaio foi chamado na mesma noite, quando voltou, assustado. Eu lhe perguntei se lhe tinham tirado as impressões digitais, ele disse que não, tinham lhe torturado. Depois de tiradas as fotos, a gente voltou pro nosso recanto e por volta do meio dia vieram nos dizer que a gente podia arrumar as trouxas, que famos ser soltos. Aí eu pensei: será que a gente vai sair livre afinal ou vão nos mandar pra prisão do interior do país. Tem várias. E que eu fiquei sabendo de histórias incríveis durante o tempo em que eu estava lá.

P — Bom, mandaram vocês arrumarem as coisas e depois?

R — Por volta das onze e meia, meio dia disseram pra gente arrumar as trouxas. E casualmente no dia em que me soltaram estava lá em baixo o cara que tinha ficado com minhas coisas. Daí eu falei que tinha deixado a máquina fotográfica, uma quantia em dinheiro, pesos argentinos e cruzeiros. Daí enrolaram, disseram que não tinham recebido e não devolveram parte do dinheiro. Mas entregaram a máquina. Então saímos, um inspetor, o motorista e nós em uma Brasília, sem placas e sem rádio, novinha. E queriam cobrar, aliás não queriam, cobraram. Disseram que não tinham gasolina e que tínhamos que pagar.

P — Quem foi solto junto contigo?

R — Foram os dois argentinos, os juntadores de ferro velho e outro, filho do cara que trabalhava na embaixada.

P — Prá onde levaram vocês?

R — De Assunção eles nos levaram uns quinze quilômetros pra fora da cidade. Aí paramos na fronteira com Clorinda, na Argentina. Ali nós botaram dentro da barca, passando a aduana. Só quando a gente estava dentro da barca, que se devolveram documentos. O argentino juntador de ferro ainda reclamou e botou banco: "yo no quiero volver a Argentina. Quiero ir al Brasil". Aquele choro. Pô, a gente cutucou ele e disse pra calar a boca. O cara queria que largassem ele no Brasil, afinal tinha viajado três meses de Mar del Plata até o Paraguai e iam devolver o cara pra Argentina, e logo em Clorinda, próximo a Formosa, cidade onde ele havia sido preso antes de cruzar para o Paraguai.

P — Não houve problema na fronteira Argentina?

Não, com pessoal argentino é outra coisa.

A sociedade contra o estado

Hilda Braga

O Livro foi editado em 1974 na França e recentemente no Brasil. Reúne uma coletânea de textos em Antropologia Política, onde o autor busca precisar as condições do não aparecimento de um Estado coercitivo nas sociedades "primitivas", ao mesmo tempo em que rejeita algumas teses da antropologia tradicional.

O autor, Pierre Clastres, especialistas da civilização guarani faleceu em julho de 1977 num acidente automobilístico aos 43 anos de idade. Antes de 1975, pertencia aos quadros do CNRS (Centro Nacional de Pesquisas Científicas) e trabalhou como assistente de Claude Levi-Strauss. Neste ano, assume o posto de diretor de estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, sendo interrompido quando da sua morte no ano passado.

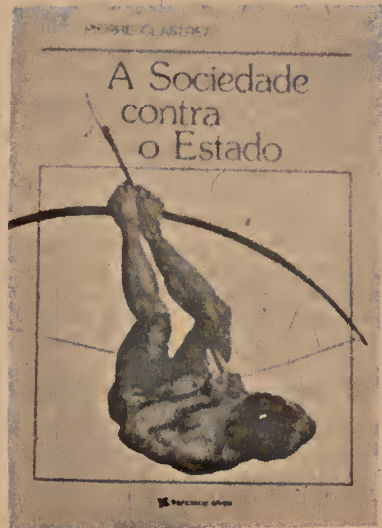
O autor refuta a idéia evolucionista da "Origem da família, da propriedade e do Estado" de Engels, de que estas três instituições teriam surgido sucessivamente, afirmando inclusive, que das duas últimas instituições (propriedade e o Estado), a autoridade política teria sido a primeira a delinear suas características na "sociedade primitiva": "A relação política de poder precede e fundamenta a relação econômica de exploração. Antes de ser econômica, a alienação é política, o poder antecede o trabalho, o econômico é uma derivação do político, a emergência do Estado determina o aparecimento das classes". ("A Sociedade contra o Estado", p. 139).

Ao contrário do que se costuma pensar o cacique dessas sociedades não possui nenhum poder político de coerção. Segundo uma tradição guarani o cacique é o máximo árbitro, mas nunca mandão, sua tarefa é ser generoso, um bom orador e manter a paz entre o seu povo. Na medida em que isto é verdade, Clastres nos leva a crer que a coerção (o Estado) não é um mecanismo universal para o exercício do poder. Na medida em que isto é verdade é possível viver em grupo sem que indivíduos exerçam autoridade sobre os outros.

Na medida em que isto é verdade a hierarquia não é condição essencial para a organização política de qualquer sociedade humana.

A inferioridade tecnológica dos povos primitivos é invocada por muitos cientistas a partir da afirmação de uma suposta "economia de subsistência". Para clastres entretanto denominar-se a economia silvícola dos primitivos de "economia de subsistência" nos leva a pensar em uma certa miserabilidade das sociedades primitivas, num estado de penúria e ausência de excedente econômico. Quando na verdade estas constituíram as únicas sociedades de abundância e do lazer, em perfeita harmonia com a sociedade, sem qualquer evidência de exploração da mulher pelo homem ou do homem pelo homem.

Clastres, Pierre, in "A Sociedade contra o Estado", ed. Francisco Alves, 1978.



BIBLIOTECA



As revoltas operárias

João Liberatti

A bibliografia do movimento operário do Brasil, que há poucos anos contava com diminuta referência está gradativamente se enriquecendo a custa do labor infatigável de inúmeros estudiosos. Sabemos que brevemente estará sanada, ou pelo menos atenuada, esta falha historiográfica, face ao número de trabalhos em processamento na Universidade de Campinas e os que já estão em vias de impressão.

Já publicadas e dignas de nota as obras: "Sindicato e Estado", do professor Assis Simão (1966); "Anarquistas e Comunistas no Brasil" de John W. Foster Dulles (1977); "Trabalho Urbano e Conflito Social", de Boris Fausto (1976); "Socialismo e Sindicalismo no Brasil", de Edgar Rodrigues (1969); "Nacionalismo e Cultura Social" de E. Rodrigues (1972); "História das Lutas Sociais no Brasil", Everard Dias (1972/2a edição); que podem ser lidas e consultadas com real proveito.

Recentemente foi lançado o livro "Trabalho e Conflito", de Edgar Rodrigues. É uma tentativa de registrar quase cronologicamente os movimentos de reivindicação operária, acentuadamente no Rio de Janeiro e São Paulo. Não se trata de "história de sociologia", mas de importante História Social, em que se pesquisa os movimentos paredistas, sua intensidade, objetivos, cronologia, etc.

Cada autor, naturalmente, tem necessidade de selecionar a massa de fatos, dar maior ênfase a um acontecimento do que a outro, assinalar o que lhe parece decisivo, assim compreendendo a omissão total de importantes movimentos, ainda sepultados no esquecimento, que se processaram em várias capitais brasileiras, notadamente no Norte e Nordeste.

Um exemplo típico são os movimentos grevistas no Estado do Pará, comandados pela União Geral dos Trabalhadores, mobilizando estivadores, sapateiros, carroceiros, operários da construção civil, alfaiates, caldeiros, calafates; e a greve geral de 14 de outubro de 1918, quando Belém ficou praticamente paralisada e foi realizado memorável comício com a participação de 20 mil pessoas.

É pequena a reverência à importante greve de 1917, em São Paulo, e, em que pese os pequenos deslizes, o

autor consegue dar uma visão global do que tem sido as tremendas lutas dos trabalhadores manuais para obtenção da jornada de oito horas, melhorias salariais, higiene nos locais de trabalho, abolição do trabalho de menores as fábricas, etc.

É livro que veio enriquecer a bibliografia das lutas operárias, importante para ser lido e meditado no momento preciso em que, no Brasil, despontam os movimentos grevistas, notavelmente orientados e de características libertárias.

TRABALHO E CONFLITO, Pesquisa 1906/1937, de Edgar Rodrigues, Edição do Autor, Rio 1977; 378 pp; Cr\$ 130,00.

O fantasma da liberdade

João Liberatti

O que sabemos de Eduardo Maffei é muito pouco, quase nada. Filho de pais proletários, ex-redator de "O Bisturi" — jornal dos alunos da Faculdade de Medicina — ex-colaborador de "A Pátria", "Cultura", "Problemas", atualmente médico, escritor e romancista de fina sensibilidade para os problemas humanos e sociais.

No romance "A Greve" é totalmente impossível separar realidade e ficção. Para os conhecedores dos fatos, avulta a realidade e se esfumaça a ficção.

O espanhol Ramirez lembra-se vagamente da aldeia onde nasceu, da figura angulosa da mãe vergada sob a trouxa de roupa, do professor primário estreito e brutal, tudo meio apagado e confuso, porém no seu inconsciente ficam profundamente reprimidas as pregações anarquistas e quando é jogado no turbilhão da greve de 1917, ouvindo a voz de Orestes Ristori, Gigi Damiani, Edgard Leuenroth, sente como se tudo tivesse conotação extremamente familiar e que os militantes e agitadores fossem velhos conhecidos.

Por um momento a multidão assume nitidamente o papel dominante. A cidade de São Paulo está inteiramente paralisada. O Comitê de Greve, orientado pelos anarquistas, impõe negociações diretas com o governo e os patrões. Há vitória total seguida de inevitáveis perseguições e negação dos direitos obtidos. Edgard Leuenroth, tido como o cabeça da greve, é preso e sofre um processo monstruoso.

Eduardo Maffei exorciza seus velhos fantasmas, revolve o reprimido, conscientiza o recalcado, tenta uma síntese integradora de idade e o romance é o seu instrumento.

O sapateiro Pascoal curvado sobre um pedaço de sola que amacia com golpes de martelo sonha e constrói uma humanidade melhor. O couro, o cheiro de couro, as sovelas, as palmilhas, as tachas, os pregos, as ceras, as tintas e uma cabeça pensante que acompanha as lutas, que interfere nos acontecimentos que deseja e projeta. A figura arquetípica desse proletariado que marcou o início das lutas sociais no Brasil. O mundo de

pedreiros, sapateiros, marceneiros, alfaiates, carroceiros, motoreiros, tecelões, padeiros, gráficos, em suas extraordinárias lutas, é gravado com vigor pela mão hábil de Maffei.

Um belo romance que terá a sequência com mais três prometidos com os títulos de "Maria da Greve", "Dó" e "O Etopeu".

A GREVE, de Eduardo Maffei. Lançamento Paz e Terra, 1978.

CARNAVAL 42

I. Rio, agosto, mil novecentos e setenta e oito, cinco da tarde, terça-feira.

II. Presidente Wilson, centro do centro da cidade. Museu de cera se anima em torno de um britânica chícara de chá e torrados biscoitinhos. Vão e vêm, as dentaduras postiças, engolindo a informe pasta. É vomitando leis. As leis, que regem a literatura brasileira. Pum, estoura a bomba, Antonio Fraga contra-ataca. Pedrigotam as múmias ululantes. Um tal de Nelson Abrantes, consta que anarquista, numa tais de Edições Mundo Livre, parece que anarquistas, numa tal de Coleção Lúclifer, obviamente anarquista, republicou... como era mesmo que se chamava aquela coisa horrível? ... em 45... ah, sim, é isso, DESABRIGO, tenebroso, pornográfico, obscuro... ah, sim... que deveria ser proibido... ah, sim... por ofensa à moral pública... ah, sim... e à ordem estabelecida... ah, sim... mais um chazinho... ah, sim, mais um biscoitinho... Antônio Fraga? Decrete-se: não o conhecemos. Divulgue-se; não é membro e jamais será. Sei... o super-macho de Jarry, moínho e o louva-deus, a fêmea do sonho, erewhon de butler, o desejo de picasso agarrado pelo rabo, os sonetos eróticos de Rimbaud, as cartas de vacche da guerra de breton. Fraga? Antônio? Exconjure-se! Exorcise-se! Inquisição Sagrada Fogueira com ele!

III. Queimados. Baixada fluminense. Barraco cheio de originais gregos e latinos e alemães e ingleses e franceses e italianos e russos e sei lá. Telas e Telas de Fraga. Tapando os buracos muitos das paredes poucas. Fora, pipas. Dentro, birita cá, brama lá, touca rendada na cabeça lisa, Fraga. Cinquenta anos? Desdentado. Feio, Goza-se como muito estima. Carambola basquete de sobrevivência. Sonha com chuveiros. Recorda a dita. Engalica. Quase esbrega, escolado, Estácio? Nunca. Não sou acadêmico... Galhada? Problema é a gordura, o grude. Aceita uma lambada. Micheton, sempre. Poucas palavras: não é de trela nem sacanocrata.

IV. Vez em quando, acontece uma obra-prima. DESABRIGO, por exemplo.

V. Vez em quando, acontece um gênio. ANTONIO FRAGA?, por exemplo.

VI. Ler. Reler. Treler. Divulgar, Panfletar, Urgentemente. Antes que.

VII. Cobrinha entrou no buteco e botando dois tistas no balcão pediu pro coisa — Dois de goso

VIII. Cadê o prêmio Machado de Assis?

IX. Tou promovendo a bicada

Antonio Fraga, "Desabrigos", Edições Mundo Livre Rio

João Carneiro

Este artigo não tem o propósito de esgotar o assunto, mesmo porque tal pretensão seria irrealizável dada a amplitude do tema. Assim sendo, este será o primeiro de uma série de ensaios que O INIMIGO DO REI pretende lançar em seus próximos números e que poderão ser colecionados sob a forma de cadernos.

AUTOGESTÃO-I

A autogestão foi, sem dúvida, a palavra de ordem em vários momentos históricos. É necessário ressaltar que esse tema, na Europa, vem há muito tempo sendo discutido e aprofundado, em círculos cada vez maiores, por intelectuais, trabalhadores, estudantes e todos os que se interessam pela problemática social.

A autogestão se insere aqui, neste momento, pelos próprios problemas acarretados em nosso País no que diz respeito à questão social: as lutas dos trabalhadores pela implantação de uma autonomia sindical desatrelada do controle do Estado; isto é, total liberdade sindical; pela humanização, que se torna, hoje em dia, premente, nas relações e condições de trabalho no campo, nas fábricas e no setor urbano; pelas lutas e manifestações dos intelectuais, estudantes e dos profissionais liberais de uma maneira geral, que procuram novas formas de convivência e organização social.

Quando, praticamente, chegamos ao final desse século e nos defrontamos com o que se foi feito nele, assistimos, não só nos países capitalistas, como também nos ditos socialistas, as pessoas sendo engolidas e transformadas, alheias de si e da convivência social, conduzidas cegamente pelo desejo do Poder, pelo anseio de também querer controlar, mandar, obrigar, cassar, censurar os outros... É preciso parar para pensar. Pensar no que foi feito, e buscar coisas novas, novas formas de organização, sem se entender por isso, novas formas de dominações: tal é o projeto de autogestão em todos os níveis da organização social.

A Autogestão pode ser definida, segundo alguns dos seus estudiosos, como sendo uma forma bastante real, concreta historicamente, de conseguir realizar o ideal de uma sociedade mais justa e, de fato, humanizada, destituída de preconceitos e de formas opressivas que entravam o projeto de liberdade e igualdade e, por conseguinte, o próprio desenvolvimento da humanidade. Sem dúvida, o importante mesmo para aqueles em que pairam sombras de dúvidas, sobre tal projeto, é que, por mais bombas que se joguem sobre os homens, destruindo tudo, existe ainda aqueles que lutam e clamam por cada vez mais liberdade.

Apresentaremos aqui, pois, várias contribuições de estudiosos sobre o assunto, como também o desenvolvimento histórico da autogestão em alguns países e a sua possibilidade de efetivação.

CAPITALISMO, SOCIALISMO DE ESTADO E AUTOGESTÃO

Em oposição à economia de mercado e à planificação da economia centralizada na mão do Estado, a Autogestão pretende organizar a sociedade globalmente, a partir da apropriação coletiva direta das unidades de produção (ou de trabalho) de base. Ou seja, a "organização direta da vida coletiva em todos os níveis", sem necessidade de órgãos centralizadores à parte ou, como se costuma dizer, acima da coletividade, que controlem, dirijam, cerceiem a livre organização dos produtores, obtendo privilégios pessoais. (Veremos mais adiante como se estabelece este tipo de organização, na prática, em vários países).

Se, por um lado, na sociedade capitalista, as necessidades prioritárias de uma sociedade, ou seja, as necessidades particulares, de cada ser humano, as necessidades coletivas de toda a sociedade e as necessidades coletivas em relação às individuais, são impostas de fora para os consumidores de uma forma desigual através do Estado e seu sistema fiscal ou

pela procura do lucro máximo das empresas, provocando o condicionamento coletivo dos consumidores, por outro numa sociedade autogerida, segundo Daniel Chauvey, para que isso não ocorresse deveria existir um livre diálogo dos homens numa dada sociedade e para isso "é imperativo abolir ao mesmo tempo o primado do poder estatal na sociedade e o primado do lucro do poder pelo poder no funcionamento das empresas". ("O Que é a Autogestão", Daniel Chauvey).

Sabemos hoje, por exemplo, o problema que resulta nas sociedades capitalistas, quanto à distribuição das riquezas, onde a concentração do poder econômico, político e militar está nas mãos das mesmas pessoas que dominam a sociedade. Um exemplo disso, podemos observar, sem nos referirmos aos países subdesenvolvidos, é o caso dos grupos de pressão fortes economicamente e bem organizados dos Estados Unidos, no que se refere à possibilidade de orientar a seu favor a legislação para seus interesses particulares (proteção para a indústria, para a agricultura, subsídios, incentivos fiscais etc) em detrimento de uma parte da sociedade que não tem condições de obter alimentação suficiente, cuidados sanitários elementares, um bom sistema educativo etc.

Uma série de outros problemas que são gerados por tal tipo de sociedade, como, por exemplo, a manipulação da propaganda sobre os consumidores, a acumulação do capital e a expansão "ilimitada" da produção em detrimento de outros valores essenciais, como também, a destruição do meio ambiente provocada pela inconsequência do produtivismo e da fome de lucro, a alienação do trabalho etc., são, contudo, as preocupações centrais dos estudiosos da autogestão, onde propõem um novo tipo de organização social que supere esses problemas sem cair no "modelo" autoritário, burocratizando e hierarquizando do Socialismo de Estado ou Estatismo.

Sobre a URSS: "O conjunto das nossas academias concordam em chamar de socialista o maior Estado Escravagista do século" (André Glucksmann, in "A cozinha e o canibal", p. 16).

Ao pensarem que bastava abolir a propriedade privada dos meios de produção para que as classes desaparecessem, Marx e seus seguidores não previram ou se "esqueceram" de dizer que a dominação de um grupo social sobre outro pode efetivar-se de diferentes formas, a saber, pelo Poder gerado do administrativismo e do Estatismo crescente nestas sociedades.

O marxismo de uma maneira geral, tal como Saint-Simon no século XIX, errou ao não perceber que a administração pode se constituir também, a depender de como ela se processe ou se apresente, numa forma de dominação. Para que isso não ocorra, não basta apenas abolir a propriedade é necessário, por conseguinte, buscar novas formas de organização e administração da vida social, em lugar da centralização e manipulação das decisões pelo Estado.

Na verdade, os Estados "socialistas", seja ele o cubano, soviético ou o chinês, ao reproduzirem em seus países o mesmo "modelo" de desenvolvimento técnico, administrativo e econômico dos países capitalistas, ou seja "modernização de cima", "edificação de uma indústria e acumulação do capital impulsionado pelo Estado", "as técnicas tayloristas nas relações de trabalho" etc., estratificam a sociedade em classes, igualmente aos países por eles criticados. A única diferença é que a nova classe é uma classe estatal detentora dos meios de produção: "O Estado

burocrático entrega, de diferentes maneiras, a mais-valia aos seus funcionários, que formam uma classe privilegiada instalada no Estado". (Bruno Rizzi, "A Burocratização do mundo", pp. 64-65, op. cit. em "Grupos, Organizações e Instituições de Georges Lapassade).

A partir dessas constatações, podemos agora analisar melhor o "Stalinismo" e a burocracia no socialismo de Estado, mas não como sendo um fenômeno à parte, e sim como a própria consequência da divisão em classes da sociedade estatal. Por outro lado, nestas sociedades, ao se promover o desenvolvimento das forças produtivas "in extremis" nos moldes burgueses, utilizando, por exemplo, os métodos empregados nas empresas capitalistas (bônus de mérito individual, delação recíproca, diretores, burocratas etc), traz como consequência a hierarquização e a burocratização de toda a vida social. Portanto, não se pode querer atingir a liberdade utilizando-se de métodos autoritários: Eis a questão!

Para o Socialismo de Estado ou Estatismo, os problemas daí resultantes são inúmeros e insolúveis, pois o próprio mecanismo interno que o constitui faz emergir um novo tipo de classe determinado por um novo modo de produção: O Estatismo. Neste caso, segundo o professor Luís Alfredo Galvão, "é o Poder que diferencia as classes sociais e é o Estado — ou melhor, o aparelho de Estado — que é o foco determinante da nova classe dirigente".

Sem dúvida, para os teóricos da Autogestão, é muito importante para o estabelecimento de uma sociedade autogerida, ser necessário transformar-se, desde ao nível das empresas até à sociedade inteira, toda forma que gere dominação e escravidão humana. Como assinala Daniel Chauvey, o "objetivo no. 1 da autogestão é justamente a abolição do poder de comando, que não tem outra legitimidade senão a propriedade de meios materiais de produção, ou uma delegação de poder dos proprietários, quer se trate de acionistas, quer de Estado-Patrão" ("O que é a autogestão" p. 105).

Desenvolvimento da Autogestão nos países.

A Autogestão tem o seu lugar na história. Este termo, no entanto, é recente. Deriva da expressão servo-croata "Samou-pravlje" ("Samo" sendo o equivalente eslavo do prefixo grego "auto", e "upravljje" significando aproximadamente "gestão"). Com esta expressão queria-se designar a experiência autogestionária realizada na Jugoslávia a partir de 1950.

Históricamente, podemos observá-la, de uma forma concreta, segundo apresentam os modernos estudos em etnologia e da pré-história nas sociedades "primitivas" que se organizavam sem o Estado ou, segundo Pierre Clastres nas sociedades "Contra o Estado", como também nas sociedades que, hoje em dia, estão em via de desaparecer, forçadas pela civilização "moderna".

Contudo, onde a Autogestão, vai realmente se firmar como proposta real é no século XIX, na era industrial, com o aparecimento de uma nova classe em condições de impor um novo tipo de organização social: o proletariado.

Esses acontecimentos, podemos observá-los já na fase final da Revolução Francesa (1793-94), onde se pode perceber de forma embrionária as propostas de autogestão. Neste período, conforme Daniel Guérin, num seminário sobre Autogestão, em 1974, se apresentava um fenômeno de "Duplo Poder": "de cima" um poder burguês, revolucionário, centralizador, dita-

torial e tecnocrata "de baixo", um poder popular, o dos "braços nus" (Michelet), onde se pode ver uma primeira figuração dos "conselhos operários", da autonomia operária, etc. (Opciti "Autogestão: uma mudança radical" de Alain Guillerme e Yvon Bordet).

Encontraremos também a proposta de Autogestão em 1871, na Comuna de Paris: "As oficinas da Comuna foram, quanto a isso, modelos de democracia proletária. Os operários nomeavam-se seus gerentes, seus chefes de oficina, seus chefes de equipe. Reservavam-se o direito de demití-los se o rendimento ou as condições de trabalho não fossem satisfatórios. Fixavam seus salários e horários, as condições de trabalho, melhor ainda, um comitê de fábrica se reunia todas as tardes para decidir o trabalho do dia seguinte". (R. Dunayevskaya, id.).

Em 1905, na Rússia, com o nome de Sovietes (conselhos de base), Autogestão surge espontaneamente pelos operários da capital sem nenhuma interferência dos partidos revolucionários. Contudo, desaparece com a vitória da reação.

Retomando com força durante a Revolução Russa de 1917, os soviets permanecem em atividade de 1918 a 1921, sendo impedidos pelos ditadores Lênin e Trotski. Com intenção de dissolver estes comitês de fábrica, Lênin obriga-os a se fundirem com os sindicatos. Mas essa estratégia não consegue obter bons resultados, pois os próprios sindicatos começam a se entusiasmar com as propostas autogestionárias. Foi "necessário" portanto, Lênin liquidar todos os sindicatos independentes. Contudo, Lênin e Trotski, só conseguiram efetivamente liquidá-los quando introduziram na direção das fábricas a direção de uma única pessoa e proibindo o "direito de tendência" no partido. Ainda assim, tiveram que eliminar na força as revoltas dos camponeses na Ucrânia do Sul, liderados pelo anarquista Nestor Markhnó e os marinheiros e operários de Kronstadt que participaram ativamente na revolução.

Na Itália, estes conselhos de fábrica, em 1919, vinham sendo discutidos e divulgados pelos sindicalistas alguns marxistas (Gramsci) e pelos anarquistas. Em 1920, muitas fábricas são ocupadas pelos operários e os camponeses se apossam das terras dos grandes proprietários do Sul. Porém sem o apoio de outros núcleos, o movimento é derrotado e as fábricas e terras são devolvidas pela polícia e os "seus" proprietários. Em agosto de 1920, aumentam o número de revoltas e os "donos" das fábricas resolvem pôr a prática do lock-out e fechá-las. Contudo, os operários recusam-se e ocupam as fábricas e fazem-nas funcionar. Porém são impedidos de levar a experiência adiante, pois são forçados por outros acontecimentos.

A Autogestão em Espanha (1936-1939)

Onde as propostas de Autogestão, de gestão coletiva da sociedade, se efetuam mais concretamente é no período revolucionário da guerra civil na Espanha, entre 1936-39. Quando se deu a revolução de 19 de julho de 1936, pela ofensiva popular ao pronunciamento franquista, os industriais e os grandes latifundiários abandonaram seus bens e se refugiaram no estrangeiro. Com isso, "os operários começam a tomar conta dos bens sem dono". Os trabalhadores rurais "associam-se espontaneamente em coletividades" e, as indústrias são autogeridas diretamente.

Sempre com grandes sucessos, a coletivização (Autogestão) da terra, só não deu bons resultados quando sabotadas pelos seus adversários ou prejudicada pela

guerra. A adesão às coletividades libertárias era voluntárias, respeitando-se assim a liberdade individual. Nenhuma "pressão era exercida contra os pequenos proprietários" que preferissem bastar-se a si próprios. No entanto, era-lhes permitido a possibilidade "de participar nos trabalhos comuns, no grau em que o desejassem e de enviar os produtos aos armazéns comuns". Contudo, era-lhes interdita a posse de "mais terras do que aquelas que pudessem cultivar e sempre que a sua pessoa ou bens não causassem um entrave à ordem socialista" (cf. Daniel Guérin "O Anarquismo").

Nas áreas industriais, principalmente na Catalunha, a região mais industrial da Espanha, a autogestão também surtiu bons resultados. Quando os patrões fugiram os operários apossaram-se diretamente das fábricas. Durante vários meses, as empresas de Barcelona segundo Guérin, sobre as quais flutuava a bandeira vermelha e negra da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) anarquista, foram "geridas por trabalhadores agrupados em comitês revolucionários, sem qualquer interferência do Estado".

Em outubro de 1936, foi realizado em Barcelona um congresso que tinha por finalidade a socialização da indústria, contando com a participação de 600 mil trabalhadores. Contudo, esta iniciativa foi institucionalizada por decreto do governo Catalão, introduzindo assim um controle da Autogestão pelo governo. Apesar disso, em dezembro de 1936 os sindicatos começaram a reorganizar sistematicamente todas as profissões: "Fecharam centenas de pequenas fábricas e concentraram a produção nas melhores equipadas", tudo realizado pelos próprios operários. Porém, esta centralização industrial não conseguiu se desenvolver tão rápida e completamente como queriam os anarco-sindicalistas porque os stalinistas e os reformistas se opuseram "à confiscação dos bens da classe média e respeitaram o setor privado".

Como nos mostra Guérin, durante a revolução espanhola, tanto a autogestão industrial como a agrícola, obtiveram "êxito irrefutável". Os testemunhos daquele período, diz ele, não poupam elogios, principalmente no que respeita ao bom funcionamento "dos serviços urbanos em Autogestão. Grande número de fábricas, senão todas, foram geridas de maneira notável".

Todavia, os projetos de Autogestão social, de transformação da sociedade, foram novamente sabotados. De um lado, o boicote feito pelos franquistas e o seu exército; de outro, e também de forma violenta e covarde, pelos stalinistas. Todos tiveram sua contribuição nesta história.

A Autogestão na Jugoslávia desde 1950

Na Jugoslávia a Autogestão, se processa de forma singular. Não foi como em outros exemplos históricos, realizados de maneira espontânea ou das necessidades e a partir das próprias bases. Ela partiu de "cima", imposta por um partido comunista liderado pelo Marechal Tito. A lei que instituiu a Autogestão na Jugoslávia data de 1950 e foi complementada em janeiro de 1953, inscrita na nova constituição em 7 de abril de 1963 e modificada finalmente pela lei de julho de 1965.

Existem como explicação para tal fenômeno três hipóteses: uma teórica, uma pragmática e uma política. A primeira dela, segundo o professor Lasserre, quer fazer crer que na Jugoslávia "os dirigentes e os teóricos do socialismo Yugoslavo declaram terem sido inspirados de uma certa forma, pelo socialismo de associação e especialmente por Proudhon, pelo sindicalismo

revolucionário francês anterior a 1914, pela primeira etapa da revolução de Lênin". (Archives Internationales de Sociologie de la Cooperation" no. 14, p. 104, op. cit. in "Revista Noir et Rouge"). A segunda hipótese é o próprio Lasserre que tenta encontrar, pondo em evidência o fracasso de uma economia de tipo estatal. Para ele, o socialismo "só pode nascer da iniciativa das massas", implicando na queda do Estado, observando assim, a necessidade que tiveram os dirigentes yugoslavos de estabelecerem um outro tipo de economia.

Para a terceira hipótese, a Autogestão na Jugoslávia foi devida a um problema mais sério que a razão teórica e a pragmática. Para esta, o fator determinante seria um problema político, pois o socialismo estatal, com os mesmos resultados negativos, com as mesmas formas de exploração etc. subsiste em outros países como a URSS. "Por acaso — questiona esta terceira hipótese — os comunistas yugoslavos são mais sensíveis que o resto dos comunistas?". Segundo ela, o próprio Tito proporciona a chave do problema. "O princípio das deformações burocráticas não se revelam claramente nem tomou todo seu sentido até o momento de nosso conflito com a pressão stalinista e a consequente resistência a essa pressão. O hegemonismo se revelou como a consequência exterior do burocratismo e os elementos burocráticos interiores apareceram como o apoio firme do burocratismo na ameaça que ele fazia pesar sobre as conquistas da revolução" (Tito, 40 anos de luta do PC yugoslavo, p22, 1959 op. cit). Podemos observar a partir daí, que o que determina a mudança de uma economia estatal para a forma de conselhos operários, segundo esta hipótese na Jugoslávia, foi a necessidade de obter o apoio das massas "no conflito existente entre a divisão titoísta e stalinismo". Ou seja, se houve esta transformação, foi por um motivo fundamental: "Conservar o poder (e sua própria vida), já que nessa época as discussões ideológicas terminavam em fuzilamentos". Concluindo, "assim o fenômeno político se transforma igualmente, em fenômeno de classe", conservando o instrumento do partido sua posição de dirigente.

Hoje em dia, passado 28 anos de experiência na Jugoslávia a autogestão se apresenta muito distante do seu ideal. A dificuldade de pô-la em funcionamento, convivendo juntamente com o Estatismo e alguns setores, privados, entrava, por conseguinte o seu avanço. Contudo, e ainda assim, a autogestão jugoslávia, durante muitos anos com as fábricas nas mãos dos operários, "longe de desfechar uma regressão econômica, foi acompanhada de uma taxa de crescimento "a japonesa" (7 por cento por ano, exatamente para a Jugoslávia, contra 8 por cento para o Japão". (Autogestão: uma mudança radical, p. 144). Além disso, a "abolição do taylorismo, com a divisão do trabalho, as cadências e tudo que esse método provoca (mestria, cronômetro, policiais diversos) não fez baixar a produtividade". (id.)

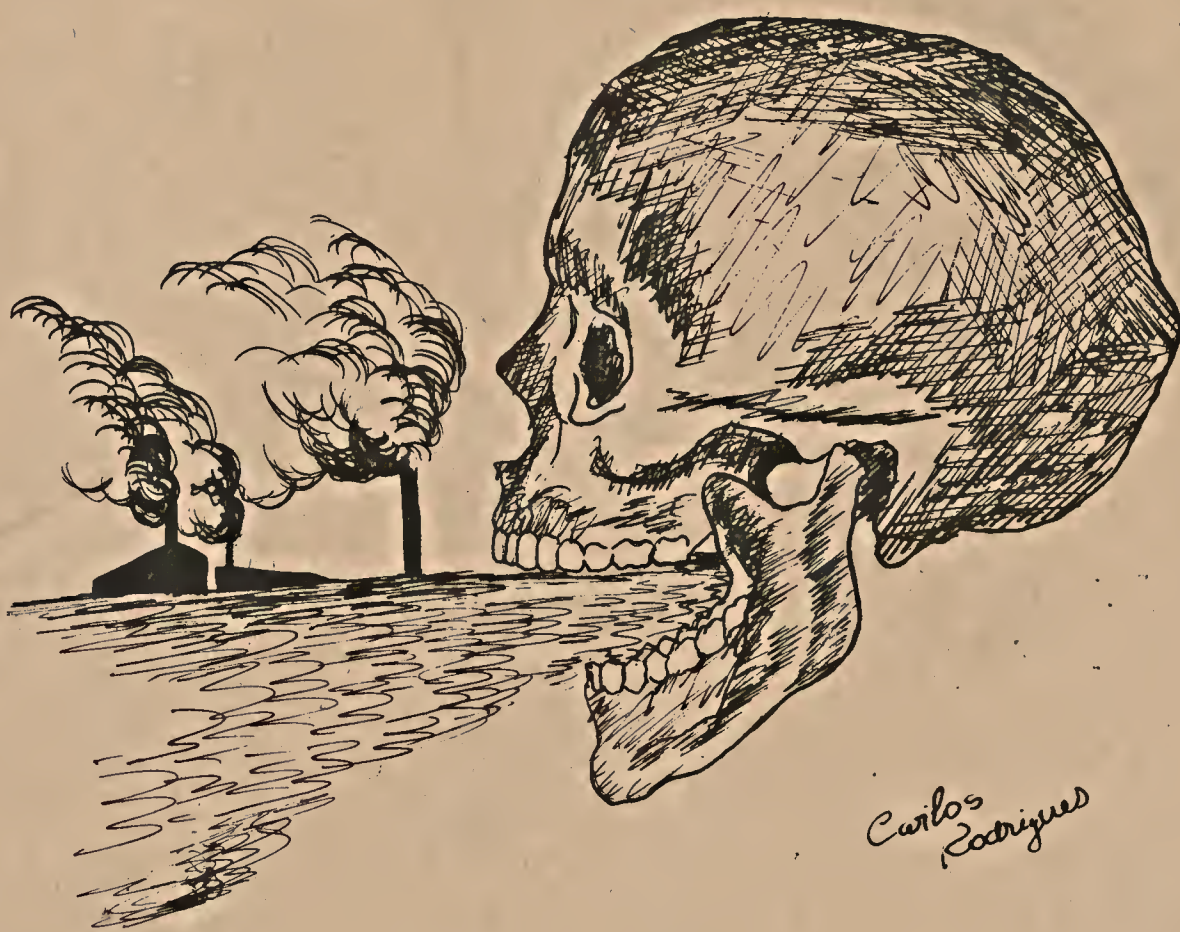
Contudo, ainda persiste na Jugoslávia, grandes contradições, por exemplo, "a superestrutura política e ideológica prevalece sobre a infra-estrutura econômica e produtora, e tergiversa o papel de cada uma e a relação entre elas". (Autogestion em Jugoslávia, p. 103).

NOVOS RUMOS: Os exemplos históricos não cessam aí. Suriram em outros lugares e momentos da história: no Brasil, com a Colônia Cecília (1888), na Argélia (1962), nas propostas dos revoltosos de maio de 1968 na França etc.

Eduardo Nunes

AUTOGESTÃO-I

Aí de ti, Bahia.



Alexandre Ferraz.

A poluição ambiental é certamente um dos entraves desta década ao crescimento desmesurado do capitalismo. Dizemos desmesurado, porque não resta dúvidas de que ele — assim ou assado — continua em expansão, adentrando fronteiras até então ditas “socialistas” (vide União Soviética, cujos cidadãos já podem comprar um Fiat “Nacional” e tomar vodca com coca-cola, num *sui generis* cuba libre). Mas, falávamos da poluição.

Pois bem. Aqui no Brasil, mais precisamente na folclórica Bahia, estamos nós, sendo cercados por um anel de indústrias poluidoras em alto grau, sendo minados, literalmente, e é certo que a qualquer momento acidentes do tipo do ocorrido em Seveso, cidade italiana, no ano passado, podem ocorrer. Coisas semelhantes, aliás, já aconteceram e as autoridades mostraram muito bem o que pretendem fazer: num rasgo patético, o secretário de Planejamento do Governo do Estado da Bahia, Sr. Edson Pita Lima, afirmou a um jornalista que a amônia jogada por indústrias do Polo Petroquímico no rio Jacuípe (destruindo inteiramente a vida naquele rio) “não mata peixes. Ao contrário sendo um nutriente, a amônia fará os peixes mais gordos e sadios”.

Para completar o quadro, o Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (Ceped), mostrou sua intenção de simplesmente desistir, no meio do caminho, de prosseguir as investigações sobre a morte dos peixes na praia de Arembépe, e no rio Jacuípe constantemente bombardeada pela poluição da Tibrás.

Em resumo, Salvador está sendo cercada por verdadeiras minas de poluição. Assim é que, para fechar o círculo, a poderosa Dow Química, segundo rumores na imprensa (que, também comprometida, em muitos casos, não leva a coisa além dos rumores), foi a responsável, através de descargas poluidoras no seu proces-

so de extração de sal gema em Narandiba, região da Ilha de Itaparica, pela morte de todas as ostras de fazendas da Universidade existentes naquela região. A Universidade Federal da Bahia, através do seu Instituto de Química, investigou durante algum tempo o problema, deu algumas evasivas à imprensa e emudeceu-se para sempre.

O povo em geral? Bem, este, na sua faina diária, deixou-se trair pela memória ocupada com “coisas mais importantes” e o assunto foi sendo sepultado, com a convivência, evidentemente, daqueles que são, em última instância, os únicos responsáveis por forçar com que as coisas sejam esclarecidas, explicadas: os órgãos da imprensa. Na Bahia, afora alguns posicionamentos estrategicamente neutros — e, assim, também coniventes — é clara a posição de determinados jornais, por exemplo, em defender de unhas e dentes qualquer acusação contra este desvariado processo de industrialização maciça e sem planejamento que ocorre na Bahia, exatamente na região de Salvador.

CEPED, CEPRAM ETC: “NÃO NOS COMPROMETAM”.

E assim, entre mergulhos em praias coalhadas de coliformes fecais, pratos de ostras e mariscos em geral recheados de mercúrio (ou peixes fritos engordados com amônia ou chumbo — da Cobrac, em Santo Amaro), bebendo água que a qualquer hora pode receber uma dose até fatal de um produto químico qualquer, comendo carne contaminada e bebendo leite beirando o podre, o baiano vai levando a vida (cada vez com possibilidades de ser mais curta).

Enquanto isso, aqueles não foram eleitos por ninguém, mas impostos para serem os governantes, e seus auxiliares diretos, se calam num silêncio comprometedor, ou dão evasivas diante dos fatos, mais

que evidentes, como, por exemplo: o Polo Petroquímico de Camaçari está localizado numa posição estrategicamente perigosa, ou seja, exatamente sobre o lençol de água mineral de Dias D’Ávila (industrializada e largamente consumida pela população), e entre as duas principais barragens que garantirão (sic) o abastecimento de água da Grande Salvador até o ano 2.000. Para agravar a situação, o Polo, recentemente inaugurado em pomposa festa, já mostrou suas capacidades poluidoras quando, em razão de um defeito da Central e Tratamento de Efluentes Líquidos — Cetrel, descarregou substâncias tóxicas e praticamente eliminou a vida no rio Jacuípe, que, por sua vez, abastecerá uma das citadas barragens. Por outro lado, a Cetrel registrou novo acidente, desta vez afetando diretamente sua estrutura física (houve um desabamento) e parou de funcionar de vez, com pouco mais de um mês de inaugurada.

Enquanto isso, milhares de toneladas diárias de produtos químicos letais continuam sendo jogadas no rio Jacuípe. E o Governo do Estado diz que só poderá tomar providências após o processo que está sendo movido (sic) contra a empresa responsável pela construção da Cetrel. O Ceped, como já foi dito mas não custa repetir, DESISTIU de pesquisar os problemas da poluição do Pôlo, Tibrás, etc., porque “tem coisas mais importantes a cuidar”. Assim, convenhamos, não dá para entender. Mesmo vendo as coisas como leigo.

Leigo, porém, que sente na carne os problemas e dá de cara com os fatos. Daí não há como nem pra onde correr. Aconteceu e ponto final. Os técnicos, cumpram cada vez mais o seu papel de complicar tudo, citar dados altamente especializados, mistificar e terminar querendo convencer que não foi nada daquilo, muito pelo contrário. Enfim, vivem, na base do “não me comprometam” e tudo bem.

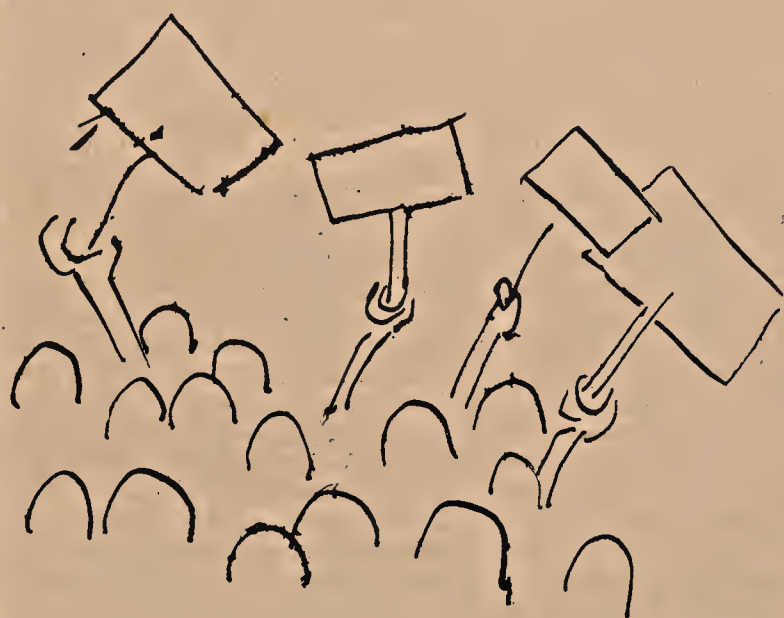
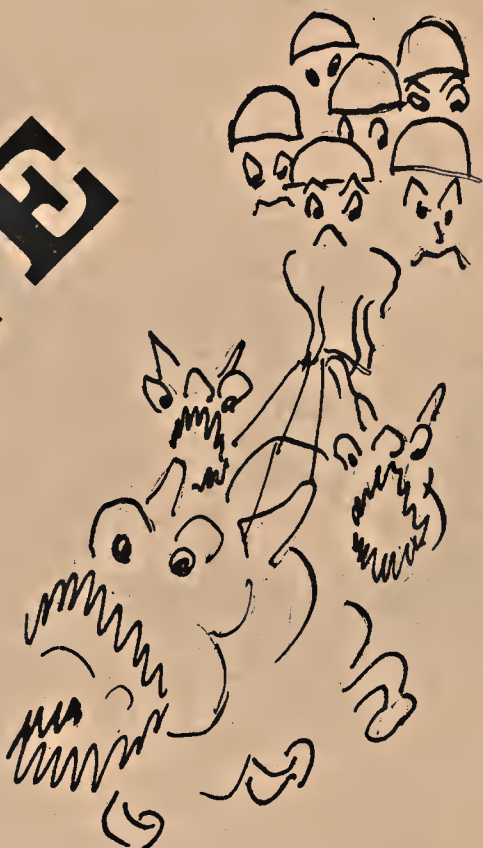
Mas, afinal, até que ponto tudo isso é surpresa numa cidade onde tudo tem acontecido ultimamente? Desde ficar dependurado em cabines que despencam do elevador Lacerda, a ser esmagado numa pista de alta velocidade por pura falta de sinalização, ou ainda trapaceado nos cinemas, nos bares, na praia, nas filas do INPS, no ônibus (sempre aos frangalhos e descontrolados ladeira abaixo), em tudo, enfim, o povo da cidade tem pegado tudo pela frente. Recentemente, por exemplo, parte da cidade andou desabando — e uma parte histórica, por sinal. Isso sem falar no mundialmente conhecido Pelourinho (não menos importante como conjunto arquitetônico) que andou caindo também.

Mudando para outro setor, vemos que no campo da Educação a Bahia não deixa por menos: a Universidade Federal da Bahia foi considerada como a pior do país. E tem atributos de sobra para isso. O reitor, numa atitude somoziana, se mantém enclausurado entre as quatro paredes da Reitoria, o Palácio, aparentemente inabalável diante da enxurrada de denúncias e protestos que ocorrem na UFBA. Recentemente, até mesmo professores que ocupavam cargos de certa forma de confiança se demitiram e um deles afirmou claramente à imprensa, inclusive, que não via a menor condição de fazer qualquer coisa que preste dentro da UFBA, do jeito que ela está.

E, de fato. As decisões — como de resto, em qualquer sistema de administração centralizada — saem da hermética cabeça do reitor, que não discute, não se justifica, não conserta, não fala nada, enfim. E o caos se amplia: faltam condições de ensino, faltam professores capacitados, falta organização geral (administrativa, didática, etc), inexistem, em resumo, condições de se estudar ou pesquisar o que quer que seja. Não é uma Universidade, enfim.

O BOBO DA CORTE

SOLTEM OS CÃES



SOLTEM OS ESTUDANTES

CL. J. ALEX

DA SÉRIE: "TANTO FAZ, COMO TANTO FEZ!"

Idéia: ALEX



MDB

VOTE NELE



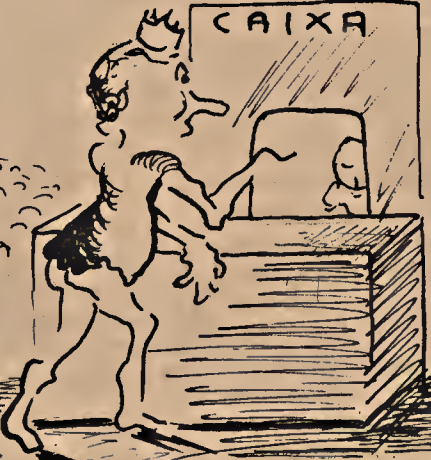
ARENA

QUE NADA! VOTE NELE

NUMA ASSEMBLÉIA...

DEVEMOS NOS ASSOCIAR A SETORES "DEMOCRÁTICOS COMO O MDB, OAB, IGREJA ETC..."

DEPOIS...



MDB CAIXA

24 HORAS NA VIDA DE UM Rei

MANHÃ...



...TARDE...



...NOITE...



Carlos Rodriguez



Idéia: Sento Sé